

Nada me Faltarã

PHILLIP KELLER

**O Salmo 23 à luz das
experiências de
um pastor de ovelhas**



Editora
Betânia



INTRODUÇÃO

Bíblia é, em larga escala, uma coleção de livros escritos por homens de origem humilde, que a produziram sob a orientação do Senhor. Grande parte de sua terminologia e ensino emprega linguagem rural, enfocando aspectos da vida do campo e os fenômenos da natureza. As pessoas a quem estes escritos foram originalmente dirigidos eram, em sua maioria, gente simples, de vida nômade, sempre em contato com a natureza, rodeada pela atmosfera livre dos campos.

Hoje não acontece assim. Muitos dos que leem ou estudam as Escrituras no século XX provêm de um centro urbano, vivendo em ambientes criados pelo homem. As pessoas que moram nas cidades, principalmente, muitas vezes não se acham bem familiarizadas com assuntos tais como: gado, colheita, terras, fruto ou vida animal. Por isso, ficam sem apreender grande parte das verdades ensinadas na Palavra de Deus, já que não conhecem, em detalhes, questões relacionadas com ovelhas, trigo, solo e uvas.

Porém, a revelação divina está estreitamente ligada a conceitos básicos do mundo natural. O Senhor Jesus, quando se encontrava entre nós, constantemente citava em suas parábolas os fenômenos naturais, a fim de explicar verdades sobrenaturais. Trata-se de um método correto, inquestionável e válido, tanto espiritual como cientificamente.

Tudo isso faz sentido e se torna mais compreensível para nós quando reconhecemos o fato de que Deus é o autor e originador tanto do mundo natural como do sobrenatural (espiritual). As mesmas leis, princípios e métodos básicos operam nestas duas esferas contíguas. Segue-se, portanto, que para entender um, temos que compreender bem os princípios paralelos que regem o outro.

Devo dizer aqui que foi através deste tipo de interpretação das Escrituras que meu entendimento delas se tornou mais significativo. Isto também explica, em parte, por que as verdades de que tenho falado a várias congregações são lembradas pelos ouvintes com grande clareza.

Por isso não vejo necessidade de desculpar-me ao apresentar esta coleção de estudos pastorais acerca do conhecido e amado — mas muitas vezes mal-entendido — Salmo 23.

Este livro foi preparado em um cenário singular, que talvez me tenha proporcionado uma apreciação mais profunda que a da maioria das pessoas, daquilo que Davi tinha em mente ao escrever este belíssimo poema. Para começar, eu me criei na África Oriental, cercado de boiadeiros nativos, homens simples, cujos costumes lembravam em muito os de seus "colegas" do Oriente Médio. Portanto, acho-me intimamente familiarizado com o lado poético, com a emoção e a vida pitoresca de um pastor oriental. Em segundo lugar, durante minha juventude, ganhei a vida durante oito anos, como criador de ovelhas. Por conseguinte, escrevo como alguém que conhece pessoalmente todas as fases da ovcultura. Mais tarde, como pastor leigo de uma igreja comunitária, ensinei as verdades reveladas por este salmo ao meu "rebanho", dominicalmente, durante vários meses.

Portanto, foi dessas experiências de primeira mão que surgiram os capítulos que se seguem. Até onde sei, é a primeira vez que um pastor, de mãos calosas, escreve uma obra mais longa a respeito do salmo pastoral.

Mas existe uma dificuldade relacionada com o fato de se escrever um livro acerca de uma passagem tão conhecida das Escrituras. O autor irá, provavelmente, desiludir o leitor com relação às suas antigas noções acerca do Salmo. Como muitos outros ensinamentos espirituais, o Salmo 23 tem sido cercado de certo volume de imagens sentimentais, que têm sido vinculadas a ele, mas que não encontram ressonância na vida real. Aliás, algumas das ideias que circulam a respeito dele chegam a ser quase absurdas.

Eu pediria, então, ao leitor, que encarasse as páginas que se seguem de mente aberta e isenção de espírito. Se o fizer, seu ser será inundado de verdades novas e maravilhosas visões do cuidado e interesse de Deus por ele. Assim, ele será conduzido a um novo e corajoso apreço do interminável esforço envidado pelo Salvador em favor de suas ovelhas. Disso resultará uma crescente admiração pelo grande Pastor de sua alma.



O Senhor é o meu Pastor

O Senhor! Mas quem é o Senhor? Como é seu caráter? Será que possui credenciais para ser meu pastor — meu administrador — meu dono?

E se possui, como faço para me colocar sob sua orientação? De que modo me torno objeto de seu interesse e cuidado intenso?

São indagações profundas, que merecem um estudo honesto e completo.

Um dos erros mais calamitosos do cristianismo é nossa tendência de falar em termos de generalidade ambígua.

Davi, o autor deste poema, e também pastor de ovelhas, filho de pastores, e que mais tarde seria conhecido como o "rei pastor" de Israel, afirmou tacitamente: "O Senhor é o meu pastor." A quem se referia ele?

Referia-se a Jeová, o Senhor Deus de Israel.

Sua declaração foi confirmada por Jesus Cristo. Quando era Deus encarnado entre os homens, ele afirmou taxativamente: "Eu sou o bom pastor". Mas, quem era este Cristo?

Nossa visão dele é, muitas vezes, demasiadamente tacanha, estreita, muito limitada, muito humana. E, por causa disso, sentimo-nos relutantes em permitir que ele exerça pleno controle e autoridade em nossa vida, e menos ainda que seja dono dela.

E ele foi diretamente responsável pela criação de todas as coisas, tanto naturais como sobrenaturais. (Ver Cl 1.15-20.)

Se fizermos uma pausa para refletir sobre a pessoa de Cristo — sobre seu poder e realizações — de repente, como Davi, ficaremos alegres e orgulhosos de proclamar: "O Senhor — ele é o meu Pastor!"

Mas, antes de o fazermos, será de muito valor mantermos claramente em mente o papel que têm em nossa história o Deus Pai, o Deus Filho e o Deus Espírito Santo.

Deus, o Pai, é o autor, e criador de tudo que existe. Foi em sua mente que, pela vez primeira, tudo teve forma.

Deus, o Filho, nosso Salvador, é o artesão, o artista, o criador de tudo que existe. Ele trouxe à existência tudo que havia sido formado pela mente de seu Pai.

Deus, o Espírito Santo, é o agente que apresenta estes fatos à compreensão de minha mente e de meu espírito, a fim de que se tornem realidade e se relacionem comigo como indivíduo.

As maravilhosas imagens do relacionamento entre Deus e o homem, que repetidamente as Escrituras nos fornecem, são as de pai e filho, pastor e ovelha. Tais conceitos foram criados primeiramente no pensamento de Deus, o Pai. Tornaram-se possíveis e reais pela obra de Cristo. São confirmados e se tornam fatos para nós através da operação do Espírito Santo.

Portanto, quando uma pessoa expressa este simples mas sublime pensamento: "O Senhor é o meu pastor", existe uma implicação profunda, mas prática de um inter-relacionamento entre um ser humano e seu criador. A expressão associa a um corpo feito de pó comum um sentido divino — demonstrando que um simples mortal se torna o objeto querido da diligência divina.

Somente este pensamento já basta para comover meu espírito, acelerar meu próprio senso de autoconsciência, emprestando enorme dignidade à minha pessoa como indivíduo. Pensar que Deus, em Cristo, está profundamente interessado em mim como pessoa, imediatamente dá um grande propósito e sentido à minha curta passagem por este planeta.

E quanto maior e mais amplo e mais majestoso for meu conceito de Cristo, mais vital será meu relacionamento com ele. Obviamente, Davi, neste salmo, está falando não como pastor — embora fosse pastor — mas como ovelha, como membro de um rebanho. Ele disse aquilo com forte sentimento de orgulho, devoção e admiração. Era como se virtualmente estivesse se gabando em voz alta: "Vejam quem é meu pastor — meu dono — meu administrador!" O Senhor!

Afinal, ele sabia, por experiência própria, que a sorte de uma ovelha dependia grandemente do tipo de pessoa que fosse o seu dono. Alguns pastores eram bondosos, mansos, inteligentes, corajosos e altruístas em sua dedicação ao rebanho. Sob os cuidados de certos pastores, as ovelhas teriam que lutar, passar fome e sofrer dificuldades sem fim. Aos cuidados de outro, elas se desenvolviam e cresciam satisfeitas.

Portanto, se o Senhor é o meu pastor, devo conhecer algo de seu caráter e compreender um pouco de sua capacidade.

Para poder meditar profundamente nestas coisas, muitas vezes saio à noite, para caminhar sozinho à luz das estrelas, e pensar em sua majestade e poder. Contemplando o céu escamado de estrelas, lembro-me de que existem pelo menos 250 milhões vezes 250 milhões de corpos celestes, cada um maior que o nosso sol — que aliás é uma das menores estrelas — e que foram espalhadas pelo universo pela mão dele. Lembro-me de que o planeta Terra, que é minha habitação temporária durante alguns anos, não passa de um diminuto grão de matéria no espaço, e que se fosse possível nos deslocarmos para a estrela mais próxima, a Alfa Centauro, com o nosso telescópio mais possante, e olhássemos em direção à Terra, ela não seria avistada, nem mesmo com o auxílio desse aparelho.

Tal conhecimento tem o efeito de humilhar-nos. Esvazia o "ego" do homem, e coloca as coisas em suas perspectivas corretas. Faz com que eu veja a mim mesmo como uma simples migalha de matéria num universo colossal. Contudo, a verdade — uma verdade estarrecedora — é que Cristo, o criador desse enorme universo, de grandeza arrebatadora, digna-se chamar-se meu pastor, e convida-me a considerar-me sua ovelha, objeto especial de seu cuidado e afeição. Quem melhor para cuidar de mim?

Pelo mesmo processo, inclino-me e apanho um punhado de terra da estrada ou do quintal. Coloco-o sob o microscópio eletrônico e espanto-me ao descobrir que está fervilhando com bilhões e bilhões de micro-organismos. Muitos desses são tão complexos em sua estrutura celular, que nem mesmo se conhece uma fração de suas funções na terra.

E foi ele, o Cristo, o Filho de Deus, que trouxe tudo isso à vida. Desde a mais gigantesca galáxia, até o menor micróbio, tudo funciona impecavelmente segundo as leis definidas de ordem e unidade que fogem totalmente ao domínio do homem finito.

E é nesse sentido, primeiramente, que sou basicamente forçado a reconhecer que seus direitos de propriedade quanto à minha pessoa são legítimos, simplesmente porque foi ele quem me deu vida, e ninguém mais é capaz de compreender-me e cuidar de mim.

Pertenço a ele apenas porque ele deliberadamente resolveu criar-me para ser objeto de sua afeição.

Está patentemente claro que a maioria das pessoas recusa-se a reconhecer este fato. Suas deliberadas tentativas de negar a existência desse relacionamento entre o homem e seu criador demonstram sua repulsa em admitir até que alguém realmente possa reclamar direitos de posse ou autoridade sobre elas, em virtude de havê-las criado.

Isso constitui naturalmente o enorme "risco" ou "risco calculado" — se é que podemos aplicar tal termo aqui — que Deus tomou ao criar o homem.

Mas, com seu caráter magnânimo, ele deu um segundo passo e procurou restaurar esse relacionamento, que sempre é rompido por homens que lhe dão as costas.

Em Cristo ele demonstrou, no Calvário, o profundo desejo de seu coração de tomar os homens sob seus cuidados. Ele próprio recebeu a penalidade devida à perversidade dos homens, declarando abertamente que "todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos." (Is 53.6.)

Assim, num segundo sentido, muito real e vital, eu verdadeiramente pertenço a ele, porque me comprou de novo, e a um preço incrível — o de sua vida imolada e seu sangue derramado.

Portanto, ele estava capacitado a dizer: "Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a vida pelas ovelhas."

Comprovamos então a comovente realidade de que fomos comprados por um preço, e que não somos de nós mesmos, e ele se encontra plenamente no direito de reclamar a posse de nossa vida.

Lembro-me claramente de como, em meus primeiros empreendimentos com carneiros, era terrivelmente importante a questão de pagar pelas ovelhas fêmeas. Elas me pertenciam apenas porque eu pagara um bom preço por elas. Fora dinheiro ganho com sangue, suor e lágrimas de meu próprio corpo, vertidos durante os terríveis anos da depressão econômica. E quando afinal comprei aquele pequeno rebanho, eu as paguei praticamente com meu corpo, que fora oferecido, tendo em vista aquele dia.

Por causa disso, eu sentia de forma pessoal que elas eram parte de mim, assim como eu era parte delas. Havia uma espécie de identidade íntima envolvida em tudo aquilo, embora nada fosse visível a um observador mais desatento, mas que, não obstante, tornava aquelas trinta ovelhas extremamente importantes para mim.

Mas no dia em que as comprei, compreendi também que aquele era apenas o primeiro estágio de um longo e duradouro trabalho no qual, daí em diante, eu iria, como proprietário delas, empenhar-me continua mente, se desejasse que crescessem e se desenvolvessem. As ovelhas não cuidam de si mesmas, como supõem alguns. Mais que qualquer outro tipo de criação, elas exigem atenções infindas e cuidados meticulosos.

Não foi por acaso que Deus resolveu chamar-nos de suas ovelhas. O comportamento do ser humano é semelhante ao das ovelhas sob muitos aspectos, como veremos em outros capítulos.

Nossa mentalidade de massa (ou instinto de grupo), nossos temores e timidez, nossa teimosia e insensatez, nossos hábitos perversos são todos paralelos de profunda importância.

Entretanto, a despeito destas características adversas, Cristo nos escolheu, nos comprou, nos chama pelo nome, nos torna sua propriedade e se agrada de cuidar de nós.

Este último aspecto constitui, na verdade, a terceira razão pela qual nos achamos na obrigação de reconhecer seus direitos de propriedade sobre nós. Ele praticamente entrega a si próprio por nós continuamente. Está sempre intercedendo por nós e nos guiando pelo seu maravilhoso Espírito; está sempre operando em nosso favor, para garantir-nos os benefícios de seus cuidados.

E, na verdade, o Salmo 23 poderia muito bem ser chamado "Hino de louvor, de Davi, pelo cuidado divino". Pois o poema todo narra a maneira como o Bom Pastor não se poupa pelo bem-estar de suas ovelhas.

Não admira que o poeta se orgulhasse de pertencer ao Bom Pastor. Por que não?

Em minha memória revejo uma das fazendas de criação de ovelhas que era administrada por um arrendatário. Aquele homem nunca deveria ter recebido permissão para cuidar de ovelhas. Seu rebanho estava sempre magro, fraco, afligido por doenças e parasitas. Várias e várias vezes, elas chegavam até à nossa cerca e contemplavam os pastos viçosos e verdejantes de nossos rebanhos. Se pudessem falar, estou certo de que diriam: "Ah, se pudéssemos nos libertar deste nosso amo!"

Esse quadro nunca me saiu da memória. Ele ilustra os povos sofredores deste mundo, que não sabem o que é pertencer ao Bom Pastor... e sofrem, sob o domínio do pecado e de Satanás.

Como é estranho que os homens recusem e rejeitem veementemente os direitos de Cristo em sua vida. Temem que, se admitirem que Jesus tem este direito de propriedade, venham a cair nas mãos de um tirano.

E tal atitude é difícil de compreender, quando paramos para analisar o caráter de Cristo. Temos que reconhecer que têm havido muitas caricaturas falsas de sua Pessoa, mas um exame imparcial de sua vida logo nos revelará um indivíduo de grande compaixão e incrível integridade.

Ele foi o mais equilibrado e talvez o mais amado ser humano que penetrou na sociedade dos homens. Embora nascido em meio ao mais triste ambiente, e sendo filho de uma família modesta, sempre se portou com grande dignidade e segurança. Embora não tivesse desfrutado de vantagens especiais na infância, fosse na educação, fosse no trabalho, toda a sua filosofia de vida e seu modo de encará-la consistiam nos mais elevados padrões de conduta humana já apresentados à humanidade. Embora não possuísse vantagens econômicas, nem poder político ou militar, nenhuma outra pessoa causou maior impacto na História do mundo. Por sua causa, milhões de pessoas, no decurso de vinte séculos, entraram numa existência decente e honrosa de conduta nobre.

E ele não somente era terno, amoroso e verdadeiro, mas também justo, inflexível como o aço e terrivelmente severo para com os hipócritas.

Era magnífico em seu magnânimo espírito de perdão aos caídos, mas um terror para aqueles que se davam a palavras ambíguas ou falsidades.

Ele veio para libertar os homens de seus pecados, de si próprios e de seus temores. E as pessoas assim libertas o amaram com forte senso de lealdade.

É ele quem insiste em afirmar que é o Bom Pastor, o Pastor compreensivo, o Pastor interessado, que ama tanto, que vai ao ponto de buscar, salvar e restaurar os perdidos.

Nunca hesitou em deixar claro que sempre que alguém se colocasse sob sua orientação e controle, haveria um novo e singular relacionamento entre ele e essa pessoa. Existe algo de muito especial em pertencer a este Pastor. Adquirimos uma marca que nos distingue do restante da multidão.

No dia em que comprei minhas primeiras trinta ovelhas, eu e meu vizinho nos assentamos na cerca empoeirada do curral, para admirar aqueles animais fortes, belos e bem conformados, que agora me pertenciam. Voltando-se para mim, ele me entregou uma faca grande e afiada, um cutelo de abate, e observou seriamente: "Bem, Philip, elas já são suas. Agora terá que colocar sua marca nelas."

Eu sabia exatamente o que ele quisera dizer com aquelas palavras. Cada criador tem sua própria marca de orelha, e ele próprio grava numa das orelhas do animal. Deste modo, mesmo a certa distância, é fácil determinar a quem uma ovelha pertence.

Não foi muito agradável ter que pegar cada ovelha, firmar-lhe a cabeça contra um cepo de madeira, e riscá-la com o corte afiado da faca. Ambos sofremos com a dor. Mas desse sofrimento resultou uma marca de propriedade, indelével e eterna, que nunca poderia ser desfeita. E daí por diante, todos os carneiros que passavam a pertencer-me traziam essa marca.

Existe um maravilhoso paralelo disso no Velho Testamento. Quando um escravo de uma casa hebreia resolvia, de livre e espontânea vontade, tornar-se membro daquela casa para sempre, era submetido a certo ritual. Seu dono e proprietário levava-o à porta, encostava o lobo da orelha no portal, e, com uma soveia, furava-lhe a orelha. Daí por diante, ele era um homem marcado para o resto da vida, como pertencendo àquela casa.

O homem que reconhece os direitos de Cristo e aceita seu domínio absoluto, terá que trazer sua marca. As marcas da cruz são o sinal que deve identificar-nos com ele em todos os tempos. A pergunta, então, é — será que temos este sinal?

Jesus deixou isso bem claro quando afirmou categoricamente: "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me." Basicamente, isto significa que uma pessoa troca a insegura sorte de levar a vida ao sabor dos próprios caprichos, pela ventura mais rica e mais satisfatória de ser guiada por Deus.

A verdade — e das mais trágicas — é que muitas pessoas que nunca se colocam sob a orientação ou domínio de Cristo afirmam: "O Senhor é o meu pastor". Parecem ter esperanças de que, simplesmente pelo fato de admitirem que ele é seu pastor, de alguma forma, gozarão dos benefícios de seus cuidados e orientação, sem terem que pagar o preço de abandonar seu insensato e ilusório modo de viver.

É impossível ser as duas coisas. Ou pertencemos a Jesus, ou não. O próprio Senhor nos advertiu de que haveria um dia em que muitos diriam: "Senhor, em teu nome realizamos coisas maravilhosas", mas ele replicará que nunca os conheceu como seus.

Esta é uma verdade das mais sérias e graves, e que deve levar-nos a sondar nosso coração e a examinarmos nossas intenções e relacionamento pessoal com ele.

Será que realmente pertencço ao Senhor?

Reconheço realmente seus direitos sobre mim?

Aceito sua autoridade e reconheço seu direito de propriedade?

Tenho plena liberdade e total senso de realização vivendo assim?

Sinto em mim um objetivo certo e um profundo contentamento pelo fato de estar sob sua orientação?

Experimento descanso e repouso, bem como felicidade em pertencer a ele?

Se assim é, então, com genuína gratidão e comoção posso proclamar orgulhosamente como Davi: "O Senhor é o meu pastor!" e estou encantado de pertencer a ele, pois é assim que crescerei e me desenvolverei, não importa o que a vida me reserve.

2

Nada me faltar



Que declaração positiva, corajosa e orgulhosa para alguém fazer! Obviamente, este é o sentimento de uma ovelha plenamente satisfeita com seu dono, perfeitamente contente com sua sorte na vida.

Como o Senhor é meu pastor, nada me faltará. A expressão "nada faltará" traz um conceito de não sofrer deficiência de nada — nem de carinho, nem de orientação, nem de cuidados.

Mas existe um segundo significado. É a idéia de se estar plenamente contente com os cuidados do Bom Pastor, e conseqüentemente não desejando, nem ansiando por nada.

Isto poderá parecer uma declaração estranha para um homem como Davi, se pensarmos apenas em termos de carências físicas e materiais. Afinal, ele foi sempre perseguido e acossado reiteradamente pelos exércitos do seu inimigo Saul, bem como pelos de seu filho Absalão, que se desentendeu com ele. Foi uma pessoa que conheceu extrema privação, pobreza, dificuldades sérias e angústia de espírito.

Portanto, seria absurdo afirmar, com base nesta declaração, que o filho de Deus, a ovelha que se acha nos cuidados do pastor, nunca experimentará falta de nada, nem sofrerá necessidades.

É importante que se mantenha uma visão equilibrada da vida cristã. Para isso basta considerar as carreiras de homens como Elias, João Batista e do próprio Senhor — e mesmo de modernos homens de fé, como Livingstone — para entendermos que todos passaram por grandes privações e adversidades.

Quando o Grande Pastor se achava entre nós, advertiu seus discípulos, antes de sua partida para a glória, dizendo o seguinte: "No mundo passais por aflições; mas tende bom ânimo, eu venci o mundo."

Um dos enganos mais comuns entre os cristãos de hoje é que, se um homem está prosperando materialmente, isso seria um sinal de que tem as bênçãos de Deus sobre sua vida. Tal não é verdade.

Em vez disso, vemos um contraste marcante com isso em Apocalipse 3.17: "Pois dizes: Estou rico e abastado, e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu..."

Ou, de maneira igualmente clara, Jesus falou ao jovem rico que desejava tornar-se seu seguidor, nos seguintes termos: "Só uma coisa te *falta*: Vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres... vem e segue-me." (Mc 10.21.)

Baseados nos ensinamentos da Bíblia, podemos concluir apenas que Davi não estava-se referindo à pobreza material ou física, quando fez esta afirmação: "Nada me faltará."

Por essa mesma razão, o cristão deve analisar longa e seriamente a sua vida. Precisa reconhecer que, como aconteceu a muitos dos melhores homens de Deus que foram antes dele, ele pode ser chamado a sofrer falta de riquezas ou bens materiais. Precisa compreender que sua passagem por este planeta é um breve interlúdio durante o qual pode sofrer algumas privações, no domínio do físico. Contudo, entre tais dificuldades, ele ainda pode se jactar e dizer: "Nada me faltará. Não ficarei sem os sábios cuidados e a orientação de meu Mestre."

Para entendermos bem o significado mais profundo desta declaração simples, é necessário entendermos a diferença que existe entre pertencer a um mestre ou ao outro — ao Bom Pastor ou a um impostor. O próprio Jesus teve grande cuidado em observar a qualquer um que estivesse pensando na possibilidade de segui-lo, que era impossível servir a dois senhores. Ou se pertencia a um, ou a outro.

Resumindo tudo, o bem-estar de qualquer rebanho depende inteiramente da administração que lhe é imprimida pelo seu proprietário.

O arrendatário da propriedade vizinha à nossa primeira fazenda era o gerente mais negligente que já conheci. Não se preocupava com a situação das ovelhas. A terra estava abandonada. Ele dedicava pouco ou nenhum esforço ao rebanho, deixando que as ovelhas pastassem sozinhas do melhor modo que pudessem, tanto no verão como no inverno. Elas eram presa fácil de cães, onças e ladrões de gado.

Todos os anos aqueles pobres animais eram obrigados a mascar aquela relva seca e os pastos empobrecidos. Nos invernos, havia falta de alfafa nutritiva e grão integral para alimentar as fêmeas famintas. Os abrigos que possuíam para proteger os pobres carneiros das tempestades e nevascas eram poucos e inadequados.

A água que tinham para beber era poluída e barrenta. Sofriam falta de sal e outros minerais básicos, necessários à complementação de sua magra pastagem. E aqueles animais doentes, fracos e mirrados formavam um quadro patético.

Em minha mente, ainda as vejo, de pé junto à cerca, agrupadas tristemente em pequenos bandos, olhando por entre os vãos da cerca para os ricos pastos do outro lado.

E aquele homem egoísta e sem coração parecia totalmente indiferente e desinteressado. Simplesmente não se importava com elas. E daí? se as ovelhas necessitavam de pastos verdes, águas frescas, sombra, proteção e abrigo das tempestades? E daí? se elas careciam de tratamento dos ferimentos, arranhões, doenças e parasitas?

Ele ignorava suas carências — não se importava nem um pouco com elas. Por que deveria? Eram apenas ovelhas — destinadas ao matadouro.

Sempre que olhava para aqueles animais, eu tinha um agudo senso de que constituíam uma figura exata dos homens dominados pelos terríveis feitores: pecado e Satanás, em seu aprisco miserável — zombando do sofrimento daqueles que se acham sob seu poder.

Tendo conhecido vários homens e mulheres de todas as camadas da sociedade, como pastor e leigo e como cientista, estou-me conscientizando cada vez mais de um fato. É o chefe — o administrador —, o senhor que domina a vida das pessoas, quem determina o destino delas.

Conheci bem de perto alguns dos homens mais ricos deste continente — e também alguns dos mais importantes cientistas e profissionais. Apesar de toda a sua maravilhosa aparência exterior de sucesso, a despeito de sua riqueza e prestígio, continuam sendo pobres no espírito, continuam com a alma ressequida e infelizes. São pessoas sem alegria, seguras nas garras de ferro e na prisão insensível do senhor errado.

Em contraste, tenho inúmeros amigos entre pessoas relativamente pobres — pessoas que conhecem as dificuldades e perdas, e que lutam para sobreviver economicamente. Mas como pertencem a Cristo e já o reconheceram como Senhor e Mestre de suas vidas, seu dono e administrador, tais pessoas acham-se envoltas numa paz tranquila, profunda e sólida, belíssima de se contemplar.

É realmente uma grande satisfação visitar lares assim, onde homens e mulheres são ricos de espírito, de coração generoso e de alma grande. Irradiam uma confiança serena e uma alegria tranquila que sobrepuja todas as tragédias de nosso tempo.

Tais pessoas se acham sob os cuidados de Deus e sabem disso. Elas se confiaram ao Senhorio de Cristo e encontraram plena satisfação nisso.

A satisfação devia ser a marca do homem ou mulher que deixou seus problemas nas mãos de Deus. Isto tem grande aplicação em nossa era de prosperidade. Mas o notável paradoxo é a febre intensa de descontentamento entre pessoas que estão sempre falando de segurança.

Apesar de uma riqueza sem paralelos em recursos naturais, estamos inseguros em nós mesmos e bem próximos da bancarrota, no que tange aos valores espirituais.

Os homens estão sempre buscando segurança fora de si mesmos. São inquietos, inseguros, ambiciosos, ambiciosos de mais riquezas — querendo isto e aquilo, e contudo nunca estão realmente satisfeitos espiritualmente.

Em contraste, o cristão simples, a pessoa humilde, a ovelha do Pastor pode erguer-se orgulhosamente e gabar-se: "O Senhor é o meu pastor, nada me faltará."

Estou perfeitamente satisfeito com o controle que ele exerce em minha vida. Por quê? Porque ele é o pastor para quem nenhum problema é grande demais, no que diz respeito ao seu cuidado pelo rebanho. É um criador que sobressai por causa de seu amor pelas ovelhas — que as ama por elas mesmas, por seu leite nelas. Se for preciso, trabalhará as vinte e quatro horas do dia para que recebam cuidados adequados em todos os detalhes. Acima de tudo, ele é muito cioso de seu nome e de sua reputação de "Bom Pastor".

É um criador que se deleita em seu rebanho. Para ele, não existe recompensa maior, nem satisfação mais profunda do que ver suas ovelhas contentes, bem alimentadas, seguras e desenvolvendo-se sob seus cuidados. Isto é realmente sua "vida". Dedicar tudo que tem a essa obra. Ele praticamente entrega-se em favor dos que são seus.

Não poupará esforços, dificuldades e labores no sentido de proporcionar-lhes a melhor relva, o mais rico pasto, e amplas provisões para o inverno bem como água pura. Não poupará esforços ou sofrimentos para providenciar-lhes abrigo nas tempestades, proteção contra animais impiedosos, doenças e parasitas, aos quais as ovelhas são tão susceptíveis.

Não admira que Jesus tenha dito: "Eu sou o bom pastor, o bom pastor dá a vida pelas ovelhas." E também: "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância."

Desde o primeiro clarão da aurora até tarde da noite este pastor totalmente desprendido mantém-se atento ao bem-estar de seu rebanho. Pois o ovelheiro diligente levanta-se cedo e sai logo de manhãzinha para examinar seu rebanho. É o primeiro contato do dia. Com olhos de conhecedor, perspicazes e compas-sivos, ele examina as ovelhas para ver se estão bem, se estão satisfeitas, se estão podendo manter-se de pé. Em questão de instantes, ele sabe dizer se foram molestadas durante a noite — se alguma está doente, ou se carecem de cuidados especiais.

Várias vezes durante o dia, ele corre os olhos pelo rebanho para certificar-se de que tudo está bem.

Nem mesmo à noite negligencia as carências delas. Dorme, como se diz "com um olho fechado e outro aberto", pronto a saltar e proteger suas ovelhas ao menor sinal de perigo.

Esta é uma sublime ilustração do cuidado que Cristo dedica àqueles que se acham sob sua orientação. Ele sabe tudo a respeito de sua vida, de manhã até a noite. "Bendito seja o Senhor que, dia a dia, leva o nosso fardo: Deus é a nossa salvação." "Não dormitará aquele que te guarda."

Apesar de termos tal Senhor e amo, a realidade é que alguns cristãos não estão contentes com a autoridade dele. Acham-se insatisfeitos, sempre pensando que a grama do outro lado da cerca parece mais verde. São crentes carnaís — poderíamos chamá-los "saltadores de cerca", ou "meio cristãos", que desejam aproveitar o máximo dos dois mundos.

Tive certa vez uma ovelha cuja conduta tipificava perfeitamente esta espécie de cristão. Era uma das mais belas que já possuí. Tinha uma conformação belamente proporcional, forte constituição e um excelente manto de lã. Sua cabeça era limpa, alerta; os olhos, brilhantes e bem feitos. Suas crias eram sempre cordeiros fortes, que se desenvolviam rapidamente.

Mas, apesar de todos estes atributos atraentes, ela possuía um defeito bem grave. Era inquieta — descontente — uma "saltadora de cerca". Tanto era que a apelidei "D. Irrequieta". Esta ovelha causou-me mais problemas que todo o restante do rebanho.

Não importava qual fosse o pasto em que o rebanho estivesse, ela sempre ficava a rebuscar ao longo das cercas ou da linha litorânea (morávamos perto do mar), procurando vãos que pudesse atravessar, a fim de ir pastar do outro lado.

Não que lhe faltasse relva. Meus campos eram meu orgulho e prazer. Nenhum outro rebanho das redondezas dispunha de melhores condições.

Mas para D. Irrequieta aquilo já era um hábito estabelecido. Nunca estava contente com a situação. Muitas vezes, quando conseguia forçar uma cerca daquelas e abrir caminho para o outro lado, acabava encontrando um pasto ralo, queimado e seco, de tipo inferior.

Contudo, nunca aprendia a lição, e continuava a furar cercas.

E se ela fosse a única a fazer isso, já era bem desagradável, mas o pior é que ensinava seus cordeirinhos a fazerem o mesmo. Eles seguiam o exemplo dela, e logo se tornavam tão habilidosos na fuga quanto a mãe.

Todavia, o pior de tudo era o exemplo que dava para as outras ovelhas. Em pouco tempo, ela passou a conduzir outras pelos mesmos vãos e pelos trilhos perigosos junto ao mar.

Depois de suportar suas tendências más durante todo o verão, afinal cheguei à conclusão de que, para evitar que o resto do rebanho se tornasse irrequieto, ela teria que ser sacrificada. Não poderia permitir que uma ovelha teimosa e insatisfeita arruinasse toda a operação da fazenda.

Foi difícil tomar aquela decisão, pois eu a amava do mesmo modo que amava o restante do grupo. Sua força, beleza e vivacidade eram uma satisfação para os olhos.

Mas, certo dia, tomei do cutelo e imolei-a. Sua tendência de furar cercas foi detida. Não houve outra solução para o problema.

Era uma ovelha que, apesar de meus esforços para dar-lhe o melhor de tudo, ainda queria outras coisas.

Ela não era como a ovelha que disse: "O Senhor é o meu pastor, nada me faltará."

Isso constitui uma séria advertência para o cristão carnal, apóstata, o meio cristão, aquele que deseja obter o máximo dos dois mundos.

Muitas vezes, eles têm que ser sumariamente sacrificados.



Ele me faz repousar em pastos verdejantes

O fato mais estranho com relação aos carneiros é que, por sua própria constituição, é-lhes quase impossível deitar-se, a menos que se satisfaçam quatro condições.

Devido à sua timidez, eles se recusam a deitar-se a não ser que estejam plenamente tranquilos e sem temores.

Por causa de seu comportamento social, no grupo do rebanho, não se deitam enquanto houver quaisquer atritos com outras ovelhas.

Se estiverem sendo importunados por moscas e parasitas, também não se deitarão. Só conseguem relaxar quando estão livres dos insetos.

Por último, as ovelhas não se deitam enquanto estiverem com fome. Precisam estar bem alimentadas para fazê-lo.

É muito significativo o fato de que, para conseguirem repousar, precisam sentir plena segurança, sem temores, tensões, irritações ou fome. E o aspecto singular desse quadro é que somente o pastor pode proporcionar-lhes esta tranquilidade, livrando-as de suas ansiedades. Concluímos, então, que o bem-estar do rebanho depende da diligência do criador, para anular as influências perturbadoras. Se examinarmos cada um destes fatores que afetam as ovelhas de forma tão séria, entenderemos a enorme importância do papel que o criador tem no cuidado delas. Na verdade, é ele quem lhes proporciona as condições adequadas para se deitarem, descansarem, repousarem e estarem contentes, tranquilas e se desenvolverem.

Um rebanho inquieto, descontente, sempre agitado e perturbado não dá bons lucros.

O mesmo se aplica às pessoas.

Sabe-se que os carneiros são animais medrosos e que se assustam facilmente, pois até um coelho que salta de repente de trás de uma moita, pode provocar o estouro do rebanho. Quando uma ovelha assustada dispara a correr, dezenas de outras saltarão com ela, num terror cego, sem procurar ver o que provocou o susto.

Certo dia recebemos a visita de uma amiga da cidade, que trouxera consigo um cãozinho pequinês. Logo que abriu a porta do carro, ao chegar, o cão saltou para o gramado. Bastou um olhar para o pequenino cachorro, e mais de duzentas ovelhas que estavam descansando ali perto ergueram-se e fugiram desabaladamente pelo pasto, tomadas de pavor.

Mesmo que seja apenas uma leve sombra de suspeita de que existe um perigo iminente proveniente de cães, coiotes, onças, ursos ou quaisquer outros inimigos, as ovelhas se levantam, prontas para fugir. Têm pouco ou nenhum meio de defesa. São totalmente desprovidas de defesa em si mesmas, temerosas, fracas e seu único recurso é fugir.

Após o episódio do cão pequinês, sempre que convidava amigos para nos visitarem, eu deixava bem claro que não deviam trazer cães. Além disso, eu tinha que espantar ou matar os cães vadios que surgiam para perturbar os carneiros. Ouvimos contar que certa vez dois cães mataram, numa noite, um total de 292 ovelhas, numa fúria sanguinária.

As ovelhas prenhes, quando são perseguidas por cães ou outros animais predadores, perdem as crias. Tais perdas podem importar em muito prejuízo para um criador. Certa vez, ao amanhecer, encontrei mortas nove de minhas melhores ovelhas, todas a ponto de dar cria. Achavam-se num campo para onde uma onça as afugentará durante a noite.

Foi um choque muito grande para mim, que ainda era jovem; recentemente iniciado no negócio eu desconhecia tais ataques. Daí em diante, passei a dormir sempre com um rifle e uma lanterna de pilha perto da cama. Ao menor ruído de perturbação no rebanho, eu saltava do leito, e chamando meu fiel "collie", saía correndo pela escuridão, pronto a proteger minhas ovelhas.

Com o passar do tempo, descobri que nada as tranquilizava mais do que ver-me no campo. A presença de seu dono, senhor e protetor as acalmava de uma forma que nada mais acalmaria, e isto ocorria tanto de dia como de noite.

Em certa ocasião, estavam acontecendo muitos roubos de ovelhas na região. E todas as noites eu e o cão nos postávamos ali, à luz das estrelas, para vigiar o rebanho, e defendê-lo do ataque dos ladrões. A notícia de minha dedicação correu célere pelas redondezas, e dentro em breve os gatunos resolveram deixar-nos e exercitar suas habilidades em outras paragens.

"Ele me faz repousar em pastos verdejantes."

Na vida cristã, não existe substituto para a certeza de que o Pastor se acha por perto. Não há nada como a presença de Cristo para dispersar o medo, o pânico e o terror do desconhecido.

Todos nós levamos uma vida bastante incerta. A qualquer momento podemos achar-nos face a face com uma calamidade, um perigo ou sofrimento, de procedência imprevisível. A vida é cheia de acidentes. Ninguém sabe predizer os problemas que cada dia lhe trará. Ou vivemos numa atmosfera de ansiedades, temores e pressentimento, ou numa atmosfera de tranquilidade e repouso. Qual será?

Geralmente é o desconhecido e o inesperado que produzem maior pânico. Quando estamos dominados pelo pânico, a maioria de nós é incapaz de fazer frente às circunstâncias e complexidades da vida. Se sentimos que há inimigos ameaçando nossa tranquilidade, muitas vezes nosso primeiro impulso é simplesmente erguer-nos e fugir deles.

E então, em meio às desventuras, subitamente, nos sobrevém a consciência de que ele, o Cristo, o Bom Pastor, está ali. Essa certeza muda tudo. Sua presença lança uma luz diferente sobre a situação. De repente, as coisas já não parecem tão sombrias, tão aterrorizantes. Modifica-se a perspectiva de tudo. Volta-nos a calma, e já podemos repousar.

Isso me, aconteceu várias e várias vezes, à medida que se passavam os anos. É a certeza de que meu Senhor, Amigo e Mestre acha-se no controle de tudo, mesmo nas situações que parecem calamitosas. Isso me proporciona grande sensação de conforto, repouso e calma. "Em paz me deito e logo pego no sono porque só tu, Senhor, me fazes repousar seguro."

É função especial do maravilhoso Espírito Santo comunicar ao nosso coração temeroso este senso da presença de Cristo. Ele se aproxima mansamente e nos assegura de que o próprio Cristo está ciente de nossa existência cheia de problemas e profundamente envolvido nela, conosco.

E, realmente, é nessa certeza que descansamos e repousamos. "Porque Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação." (2 Tm 1.7.)

A idéia de um espírito moderado, é a de um espírito em calma, um espírito em paz, não perturbado, nem preocupado, nem obcecado por temores e pressentimentos quanto ao futuro.

"Deitar-me-ei e dormirei porque só tu, Senhor, me fazes habitar em segurança."

A segunda fonte de temores da qual o ovelheiro tem que livrar o rebanho é a da tensão, rivalidade e disputa dentro do próprio rebanho.

Em todas as sociedades de animais existe uma ordem de dominação no seio do grupo. Em um galinheiro isto é chamado "a ordem da bicada". No meio do gado bovino, é a "ordem da chifrada". Entre os ovinos, falamos em "ordem da marrada".

Em geral, uma ovelha mais velha, arrogante, artilosa e dominadora se arvorará em líder de qualquer grupo de carneiros. Ela mantém sua posição e prestígio com marradas, expulsando as outras fêmeas e cordeiros das melhores partes dos pastos ou de um recanto predileto. Sucedendo-a numa ordem precisa, seguem-se os outros animais, todos estabelecendo e mantendo uma posição exata no rebanho pelo emprego da mesma tática das marradas e empurrões, contra aqueles que se acham abaixo ou ao redor.

Este processo é retratado em termos vívidos e acurados em Ezequiel 34.15,16 e 20-22. Trata-se, de fato, de um espantoso exemplo da perfeição científica das Escrituras, ao descrever um fenômeno natural.

Por causa deste senso de rivalidade, tensão e competição pela posição melhor e autoafirmação é que existe esse conflito no rebanho. As ovelhas não podem deitar e repousar tranquilas. Sempre se levantam para defender seus direitos e responder ao desafio do intruso.

Várias e várias vezes, tenho visto uma ovelha velha encaminhar-se para uma mais jovem que estivera a pastar satisfeita ou descansar tranquilamente em algum recanto ensombrado. Ela inclina o pescoço, virando a cabeça para um lado, arregala os olhos e aproxima-se da outra pisando firme. Toda essa mímica é para dizer em termos claros: "Saia daí! Saia do meu caminho! Ceda-me este terreno, senão..." E se a outra ovelhinha não saltar para um lado imediatamente, em autodefesa, será impiedosamente espancada a marradas. Ou então, se ela se erguer para aceitar o desafio, bastarão um ou dois empurrões para fazê-la sair correndo à procura de socorro.

Este conflito contínuo, esta competição constante dentro do rebanho pode se constituir um fator debilitante. Os animais se tornam nervosos, tensos, insatisfeitos e inquietos. Emagrecem e ficam irritáveis.

Mas uma coisa que sempre me impressionava muito, era que sempre que eu aparecia e minha presença era notada por elas; esqueciam-se rápida mente de suas tolas rivalidades e cessavam de lutar. A presença do pastor causava enorme diferença em seu comportamento.

Para mim, isto sempre foi uma ótima ilustração gráfica da luta pelo status, que há entre os seres humanos. É bem conhecido o senso de concorrência que nos faz querer ficar "a par com o vizinho" ou então "com os filhos dos vizinhos".

Em qualquer firma comercial, qualquer escritório, qualquer família, igreja, organização ou grupo humano, seja ele grande ou pequeno, existe essa luta pela autoafirmação e auto reconhecimento. A maioria das pessoas luta para ser a "ovelha chefe". Damos marradas, brigamos e competimos para "passar à frente". E, para isso, algumas pessoas saem feridas.

É nessa conjuntura que surge a inveja. É aqui que mesquinhas desavenças se transformam em terrível ódio. É aí que são gerados o mal e o desprezo — o lugar onde a rivalidade acirrada cresce gradualmente até tornar-se um modo de vida, onde o homem tem que estar sempre defendendo a si mesmo, seus direitos ou sua posição do resto do grupo.

Em contraste com isso, o salmo nos mostra o povo de Deus repousando calmo e satisfeito.

Uma das mais notáveis marcas do cristão devia ser uma sensação de tranquilo contentamento.

"A piedade com a satisfação interior representa um grande lucro."

Paulo diz a mesma coisa com as seguintes palavras: "Aprendi a viver contente em toda e qualquer situação", e certamente isto se aplica ao nosso status na sociedade.

A interminável inquietação do indivíduo que está sempre tentando passar à frente da multidão, que está sempre querendo ocupar o ponto mais alto do poste totêmico, é notável de se observar.

Com seu modo singular, Jesus Cristo, o Grande Pastor, durante sua vida na Terra observou que o último seria o primeiro e o primeiro seria o último. Em certo sentido, estou convicto de que ele quis dizer que o último seria o primeiro em seu afeto. Qualquer pastor tem grande compaixão pela ovelha fraca que leva marradas de todo lado, das ovelhas mais dominadoras.

Mais de uma vez, tenho castigado severamente uma ovelha mais truculenta por haver maltratado uma das mais fracas. Ou então, quando batiam em cordeiros que não eram os seus, tive que corrigi-las firmemente, e, com toda certeza, tais animais não eram os primeiros em minha estima, por causa de sua agressividade. Outro ponto que me impressiona neste contexto, é que as ovelhas menos agressivas, em muitos casos, contentam-se mais facilmente e são mais calmas e tranquilas. Portanto, existem vantagens definidas em ser a "última".

Mas, o mais importante era o fato de que a presença do pastor punha fim a toda aquela rivalidade. E em nosso relacionamento humano, quando nos tornamos plenamente conscientes de estarmos na presença de Cristo, acabam nossas tolas e egoísticas rivalidades e nosso orgulho próprio. O coração humilde, que Calma e contentemente anda em comunhão íntima com Cristo, acha-se em repouso, e pode descansar, alegre de poder deitar-se e deixar que o mundo passe por ele.

Quando meus olhos estão fixos no Senhor, não contemplan mais aqueles que me rodeiam. Esse é o estado de perfeita paz.

E é bom e certo lembrarmos que, no fim de tudo, será ele quem decidirá e julgará qual é meu verdadeiro status. Afinal, o que importa mesmo é sua opinião a meu respeito. Qualquer avaliação humana, quando muito, será fatalmente bastante imprevisível, duvidosa e nada definitiva.

Estar assim, perto dele, consciente de sua presença habitando em nós, real à nossa mente, emoções e vontade, pela presença de seu precioso Espírito, é estar livre de temores em relação a outros homens e ao que venham pensar de mim.

Prefiro muito mais ter a afeição do Bom Pastor do que ocupar uma posição de proeminência na sociedade... principalmente se tiver que conquistá-la com lutas, disputas e rivalidade amarga contra meu próximo.

"Bem-aventurados (felizes, invejáveis) os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia." (Mt 5.7.)

Assim como a ausência de temor de predadores ou de conflitos no seio do rebanho, a ausência de temor de parasitas e insetos também é essencial ao bem-estar das ovelhas. Este aspecto de seu comportamento será abordado com maiores detalhes mais adiante. Mas sem dúvida é importante mencioná-lo aqui.

No verão, principalmente, as ovelhas são afligidas por moscas de toda espécie e carrapatos. Quando se sentem atormentadas pelos insetos, é virtualmente impossível para elas aquietarem-se e se deitarem. Ficam sempre em pé, sacudindo as pernas, abanando a cabeça, sempre querendo correr para o mato em busca de alívio.

Somente o cuidado diligente do criador que se mantém sempre vigilante à presença de insetos evitará este distúrbio para o rebanho. Um bom pastor aplica vários tipos de repelentes de inseto ao pelo das ovelhas. Ele deve cuidar para que sejam mergulhadas numa solução própria para matar carrapatos que se apegam à sua lã. E cuidará também para que estejam perto de arvoredos onde poderão se refugiar a fim de se livrarem do tormento dos insetos.

Tudo isto acarreta mais trabalho para o criador. Exige o emprego de tempo, esforço e de produtos químicos caros para que o serviço seja bem feito. Significa também que o ovelheiro deve passar entre os animais diariamente, mantendo-se sempre atento ao comportamento deles. Logo que se manifestarem evidências de que estão sendo molestados por insetos, ele deve tomar providências para socorrê-los. O objetivo máximo de sua mente deve ser manter o rebanho calmo, satisfeito e em paz.

Semelhantemente, na vida cristã, haverá fatalmente muitos fatores de irritação para nós. Existem pequenas perturbações, frustrações e experiências desagradáveis que sempre se repetem. Na terminologia moderna, referimo-nos a tais circunstâncias ou pessoas como sendo "maçantes".

Existe um antídoto para elas?

Será que podemos atingir um estado de calmo contentamento a despeito da existência delas?

A resposta para aqueles que se encontram aos cuidados de Cristo é sim.

Esta é uma das principais funções do Espírito Santo. Nas Escrituras ele é simbolizado muitas vezes pelo óleo — por uma substância que proporciona alívio e consolo, nos mais duros e aflitivos momentos da vida.

O precioso Espírito Santo torna real para mim a presença de Cristo. Ele me traz tranquilidade, serenidade, força e calma em face das frustrações e tristezas.

Quando recorremos a ele e lhe expomos nosso problema, permitindo-lhe ver que estamos diante de um dilema, uma dificuldade, uma experiência desagradável que se acha fora de nosso controle, ele vem nos socorrer. Muitas vezes basta apenas dizermos em voz alta: "Ó Senhor, esta situação acha-se acima de minhas forças. Não posso haver-me com ela. Está-me importunando. Não consigo descansar. Por favor, tome o controle disso."

Então, com seu maravilhoso modo de agir, ele assume o controle da situação. Aplica ao problema o antídoto de efeito curativo, aliviando o sofrimento, o antídoto de sua presença e sua pessoa. Imediatamente, vem à minha mente a consciência de sua solução para o problema por um meio que ainda não havia me ocorrido. E pela certeza de que ele está operando em meu favor, sobrevém-me uma sensação de calmo contentamento. Consigo então deitar e descansar em paz. Tudo isto por causa do que ele faz.

Finalmente, para que as ovelhas repousem, é preciso que não haja o temor da fome. Isto está implícito na declaração: "Ele me faz repousar em pastos verdejantes."

Embora não seja do conhecimento geral, a verdade é que os países possuidores dos maiores rebanhos de ovinos do mundo localizam-se em regiões áridas ou semiáridas. A maioria das raças de ovelhas prosperam melhor neste tipo de terreno. Nesses lugares onde o clima é seco, elas se acham menos expostas a problemas de saúde e a parasitas. Mas nestas regiões, também, não é natural nem comum encontrarem-se pastos verdejantes. Na Palestina, por exemplo, onde Davi escreveu este salmo, e onde vigiava os rebanhos de seu pai, principalmente perto de Belém, a terra é seca, estéril, queimada e desértica.

Os pastos verdes não surgiam como que por encanto. Resultavam de um labor intenso, mais o emprego de tempo e habilidades no lavrar a terra. Tinham que limpar o solo árido e áspero; arrancar espinheiros, raízes e tocos de árvores; arar profundamente e preparar o solo; semear e plantar grãos e ervas especiais; irrigar e cuidar das plantações de forragem que iriam servir para alimentar o rebanho.

Tudo isto implicava em muito trabalho bem como no emprego de tempo por parte do pastor diligente. Se ele quisesse que as ovelhas desfrutassem de pastos verdejantes por entre as colinas ressequidas e estéreis, teria que trabalhar muito.

Mas para haver sucesso na criação de ovelhas, é essencial que se tenha pastos verdejantes. Quando os cordeiros estão crescendo e as fêmeas precisam de relva verde e succulenta para

produzir um leite gordo, nada substitui o pasto. Nenhum espetáculo é mais grato ao coração do criador do que ver seu rebanho, depois de bem alimentado até a satisfação plena, em uma forragem verde, deitar-se para descansar e ruminar e desenvolver.

Em minha fazenda um dos principais segredos de toda empresa residia em cultivar uma pastagem rica e vicejante para meu rebanho. Em duas das fazendas próximas, os campos eram velhos, gastos, empobrecidos ou se achavam desbastados ou infestados de forragem de tipo inferior. Com a aplicação de medidas práticas e pelo aproveitamento científico das terras, elas foram transformadas em campos florescentes com cereais e relvas viçosas que nos davam pelos joelhos. Com tal alimentação, era comum termos cordeiros de até 45 quilos, aos três meses de nascidos.

O segredo disto era que o rebanho se alimentava rapidamente e depois se deitava para descansar e ruminar.

Uma ovelha faminta ou malnutrida está sempre em pé, inquieta, procurando mais um punhado de forragem para tentar satisfazer a fome que lhe rói as entranhas. Tais ovelhas nunca ficam satisfeitas. Não crescem, e não são de nenhum valor, nem para si mesmas nem para seus donos. Elas desfalecem, pois lhes falta vigor e vitalidade.

Nas Escrituras, a descrição da terra prometida, à qual Deus se esforçava para conduzir Israel quando o tirou do Egito, falava de uma terra que "mana leite e mel". E essa linguagem não é apenas figurada, mas é essencialmente científica. Em linguagem técnica de agricultura, falamos de terrenos que manam leite e mel. Com isso queremos indicar o auge das estações da primavera e verão, quando os pastos se encontram em seu estágio de maior produção. Diz-se que o gado que se alimenta em tais pastagens, e as abelhas que procuram as flores nesta época, produzem uma correspondente abundância em leite e mel, manam leite e mel. Trata-se, portanto, de uma terra de pastos ricos, verdes e luxuriantes.

E quando Deus falou de uma terra assim para Israel, ele previu também uma vida de semelhante abundância em gozo, vitória e satisfação para o seu povo.

O relato da mudança dos filhos de Deus, o povo de Israel, do Egito para a terra prometida, que encontramos no Velho Testamento, é uma figura de nossa mudança do pecado para uma vida de vitórias. Temos a promessa de uma vida assim. Ela foi preparada para nós e torna-se possível através do esforço incansável de Cristo em nosso favor.

Como ele limpa a nossa vida das pedras da dura incredulidade! Como ele procura arrancar as raízes da amargura! Ele tenta quebrar o duro e orgulhoso coração humano, que é como terra ressequida pelo sol. Depois, semeia os grãos de sua preciosa Palavra, que, se tiver terra para crescer, produzirá ricos frutos de contentamento e paz. Ele a rega com o orvalho e a chuva de sua própria presença através do Espírito Santo.

Ele prepara e cuida e cultiva a vida, desejando vê-la tornar-se rica, vicejante e produtiva.

Tudo isto demonstra a energia e o trabalho incansável de um criador que deseja ver seu rebanho satisfeito e bem nutrido. Denota o desejo de meu Pastor de que sejam atendidos meus maiores interesses. Sua preocupação por meu bem-estar, realmente, acha-se acima de minha compreensão. Quando muito, o que posso fazer é desfrutar e regalar-me em tudo que ele realiza.

Esta vida de vitórias tranquilas, de feliz descanso, de repouso em sua presença, de confiança em sua direção é algo que poucos cristãos gozam plenamente.

Devido à nossa própria maldade, muitas vezes preferimos alimentar-nos nas terras estéreis deste mundo que nos cerca.

Eu costumava espantar-me de ver minhas ovelhas, por vezes, escolherem pastagens de qualidade inferior.

Mas o Bom Pastor providenciou pastos verdejantes para aqueles que desejam mudar-se para eles, e ali encontrar a paz e plenitude.

Leva-me para junto das águas de descanso



Embora as ovelhas se desenvolvam bem em terrenos secos e semiáridos, elas precisam de água. Não são como algumas gazelas africanas, que passam razoavelmente bem com o pouco de líquido que é encontrado naturalmente nas folhas.

Devemos notar também que novamente a chave ou a indicação da localização da água está com o pastor. É ele quem sabe onde se acham os melhores bebedouros. Aliás, muitas vezes, é ele próprio quem cava estes poços, com muito trabalho e esforço. E é para estes pontos que conduz o rebanho.

Mas antes de pensarmos propriamente nas fontes de água, será bom procurarmos compreender o papel da água na constituição do animal, e por que ela é tão essencial ao seu bem-estar. O organismo de um animal como a ovelha é constituído de cerca de 70% de água, em média. Este fluído tem a finalidade de manter o equilíbrio do metabolismo orgânico; faz parte da constituição da célula, contribuindo para sua turgidez e seu funcionamento normal. A água determina a vitalidade, a força e o vigor da ovelha, sendo, portanto, essencial ao seu bem-estar geral e saúde.

Se o suprimento de água para o animal diminui, começa a desidratação. Esta desidratação dos tecidos pode resultar em sérios danos para o organismo. Pode implicar também em que o animal fique fraco e debilitado.

Todo animal fica ciente do baixo teor de água no organismo através da sede. A sede indica a necessidade de suplementação do teor líquido do organismo, por meio de uma fonte externa.

E, assim como o organismo físico tem a capacidade de reter a água e de sentir necessidade dela quando esta lhe falta, assim também a personalidade humana, a alma, tem necessidade da água do Espírito Santo, segundo nos ensinam as Escrituras.

Quando as ovelhas estão sedentas, tornam-se inquietas, e partem à procura de água para se satisfazerem. Se não forem conduzidas a bons depósitos de água pura e limpa, muitas vezes acabarão abeberando-se em poças poluídas, onde contraem vermes tais como nematóides, fasciola hepática e germens causadores de doenças.

Cristo, o nosso Bom Pastor, deixou claro que exatamente do mesmo modo os homens de alma sedenta só poderão satisfazer sua necessidade e sede pela vida espiritual nele mesmo.

Em Mateus 5.6 ele disse: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos." No dia da grande festa de Jerusalém, ele declarou ousadamente: "Se alguém tem sede, venha a mim e beba."

Na linguagem espiritual, "beber" significa simplesmente "tomar", "aceitar" e "crer". Isto quer dizer que a pessoa aceita e absorve a própria vida de Deus, em Cristo, de tal modo, que ela se torna parte integrante da pessoa.

A dificuldade é que as pessoas que se acham "sedentas" de Deus (isto é, que possuem um profundo senso interior de busca; que estão à procura de algo que as satisfaça plenamente) muitas vezes não sabem

ao certo onde devem procurar, nem o que estão procurando. Sua capacidade interior de buscar a Deus e a vida divina está ressequida e, em sua ansiedade, elas bebem de qualquer poço poluído, na tentativa de satisfazer esta sede de realização.

Santo Agostinho resumizou este conceito de maneira magnífica, quando escreveu: "Ó Deus, tu nos criaste para ti; nossa alma sempre estará inquieta e ansiosa, enquanto não encontrar descanso em ti."

A longa e complexa história das religiões do mundo, dos cultos pagãos e das filosofias é decorrência desta sede incansável de Deus.

Quando Davi escreveu o Salmo 23, sabia disso. Olhando a vida do ponto-de-vista da ovelha, ele disse: "Leva-me (ele, o Bom Pastor) para junto das águas de descanso." Em outras palavras, somente o Senhor sabe onde encontrar as águas de descanso, tranquilas, límpidas e puras, que podem saciar seu rebanho e mantê-lo forte e resistente.

Em termos gerais, a água para o rebanho provinha de três fontes principais: do orvalho da relva, de poços profundos e regatos ou nascentes.

Muitas pessoas não sabem que as ovelhas podem passar meses a fio, quando não faz muito calor, quase sem beber água, principalmente se a relva estiver sempre bem orvalhada pelas manhãs. Os carneiros têm o hábito de despertar bem cedo, antes do alvorecer, e começar logo a pastar. E quando o luar está claro, pastam à noite. Nas primeiras horas do dia, a vegetação ainda está coberta de orvalho, e o rebanho se mantém com a quantidade de líquido ingerida juntamente com a forragem, quando pasta antes do amanhecer.

Naturalmente, o orvalho é fonte de água pura e limpa. E não há ilustração mais resplendente das águas tranquilas do que as gotinhas prateadas de umidade pesando nas folhas e na relva, ao nascer do dia.

O bom pastor, o criador dedicado, providencia para que seu rebanho saia logo cedo, e vá pastar nesta relva molhada de orvalho. Talvez isto signifique que ele próprio tenha que levantar-se também para sair com elas. Seja no pasto da fazenda ou nas pastagens das montanhas, ele deve cuidar para que suas ovelhas comecem a pastar cedo.

Na vida cristã, é de grande importância observar que, na maioria dos casos, as pessoas mais serenas, confiantes e capacitadas a enfrentar as complexidades da vida são as que se levantam cedo, diariamente, para alimentar-se da Palavra de Deus. É na quietude das horas matutinas que elas são guiadas às águas tranquilas, onde bebem a própria vida de Cristo, suprimindo-se dela para passar o dia. E isto não é mera figura de linguagem. É uma realidade prática. As biografias dos grandes homens e mulheres de Deus, reiteradamente, indicam que o sucesso de sua vida espiritual é atribuído ao "momento devocional" que observavam pela manhã. Ali, sozinhos, quietos, aguardando a voz do Mestre, somos mansamente guiados ao lugar de que fala o velho hino: "O orvalho calmo do Espírito Santo pode ser derramado em minha vida e alma."

Sempre saímos destas horas de meditação, reflexão e comunhão com Cristo mais revigorados na mente e no espírito. A sede é mitigada, e o coração é tranquilamente saciado.

Com os olhos da memória, enxergo novamente o meu rebanho. A suavidade, o silêncio e a quietude das primeiras horas da manhã sempre encontravam minhas ovelhas pastando em relva orvalhada, que lhes chegava ao meio das patas. Alimentavam-se bastante e satisfatoriamente. Logo que o sol se erguia e o calor secava as gotas de orvalho das folhas, o rebanho se afastava à

procura de sombras. Ali, plenamente alimentados e alegremente revigorados, eles se deitavam para repousar e ruminar pelo resto do dia. Nada me alegrava mais.

Estou certo de que é também o que se passa no coração e mente do Senhor quando começo o dia da mesma maneira. Ele gosta de ver-me contente, calmo e em descanso e repouso. Deleita-se em saber que minha alma e espírito estão satisfeitos e revigorados.

Mas a ironia da vida, a trágica verdade, é que com a maioria dos cristãos, isto não se dá. O que acontece em muitos casos é que tentam, em vez disso, saciar a sede lançando mão de recursos substitutivos.

Para a mente e o intelecto, buscam conhecimentos, ciência, carreiras acadêmicas, leituras e a companhia de pessoas estranhas. Mas, de algum modo, terminam sempre insatisfeitos.

Conto entre meus amigos alguns dos mais cultos e respeitados cientistas e professores do país. Entretanto, muitas vezes, existe neles um anseio estranho, uma sede insaciável que nem todos os conhecimentos, sabedoria e realizações satisfazem.

No sentido de mitigar a sede da alma e dos sentimentos, muitos se voltam para as artes, culturas, música e às formas literárias, tentando encontrar satisfação. E esses também, muitas vezes, são as pessoas mais desgastadas e desalentadas que existem.

Entre meus conhecidos contam-se notáveis escritores e artistas. O interessante é que, para eles, a vida não passa de uma farsa. Tentaram beber copiosamente das fontes do mundo apenas para saírem delas sem encontrar satisfação.

E existem aqueles que, para mitigar a sede de suas vidas secas, tentaram buscar refrigério em toda sorte de atividades físicas.

Esses procuram viajar. Ou então dedicam-se à prática de esportes com todo empenho. Engajam-se em aventuras de todo tipo ou em atividades sociais. Adotam passatempos ou dedicam-se a trabalhos comunitários. Mas, no final das contas, depois que experimentam tudo, encontram-se diante da mesma sede atordoante, do mesmo vazio e insatisfação interior.

O profeta Jeremias explica isto em palavras bem duras, quando diz: "O meu povo: a mim me deixaram, o manancial de águas vivas, e cavaram cisternas, cisternas rotas, que não retêm as águas" (Jr 2.13).

É um quadro impressionante. É um retrato preciso de vidas destruídas, de esperanças partidas, de almas estéreis, que estão secas e crestadas, cobertas pela poeira do desespero.

Entre os jovens, principalmente entre os "hippies", recorre-se às drogas, ao álcool e a aventuras sexuais, num desejo insano de saciar esta sede, constituindo-se uma prova clara de que tais indulgências sórdidas não são absolutamente um substituto para o Espírito do Deus vivo. Estas pobres criaturas são cisternas rotas. Levam vidas miseráveis. Ainda não conversei com um só "hippie" que fosse verdadeiramente feliz. Seu semblante reflete o desespero interior.

E em meio a este caos de uma sociedade confusa e enferma, surge Cristo, quietamente como no passado, e nos convida a irmos a ele. Convida-nos a segui-lo, a depositar nossa inteira confiança nele. Ele é quem sabe ao certo como podemos ser saciados. Sabe que o coração, a personalidade e a alma humana, com sua notável tendência para Deus, nunca poderão satisfazer-se com um paliativo. Somente o Espírito e a vida do próprio Cristo satisfazem a alma sedenta.

Embora possa parecer estranho à primeira vista, as profundas fontes de Deus, das quais podemos beber, não são necessariamente as experiências agradáveis que talvez imaginemos.

Lembro-me de ocasiões em que, sob o sol escaldante da África, vi os rebanhos nativos serem conduzidos aos poços de águas do criador. Alguns desses poços eram enormes cavernas cavadas à mão, em formações arenosas ao longo dos rios. Assemelhavam-se a amplos aposentos esculpidos em rochas, com rampas que desciam até a água, ao fundo. Os rebanhos eram conduzidos até ao fundo dessas cisternas, onde os esperavam águas frescas, puras e límpidas.

Mas, bem lá no fundo, estava o pastor, completamente nu, tirando água para dessedentar os animais. Era um trabalho árduo, penoso e exaustivo. Gotas de suor escorriam-lhe pelo corpo e a pele brilhava pelo seu esforço e pelo calor.

E enquanto eu observava os animais saciando a sede naquelas águas tranqüilas, sentia-me tocado pelo pensamento de que, mais uma vez, tudo dependia do pastor e tudo girava em torno da dedicação do criador às ovelhas. Somente pelo seu trabalho, esforço, suor e força é que elas poderiam ser satisfeitas.

Na vida cristã, acontece exatamente a mesma coisa. Muitas das situações a que seremos conduzidos nos parecerão obscuras, profundas, perigosas e um tanto desagradáveis. Mas basta simplesmente que nos lembremos de que ele está conosco. Está operando na situação. É sua energia e esforços empenhados em meu favor, que, mesmo numa situação obscura, infalivelmente redundarão em benefícios para mim.

Ali então aprendo que somente ele pode satisfazer-me. Só ele consegue fazer com que situações que de outra forma seriam atordoantes e confusas para mim, assumam um sentido certo, um propósito definido, um significado claro. De repente, a vida passa a ter importância. Descubro que sou objeto de seus cuidados e atenções especiais. Os eventos de minha vida revestem-se de dignidade e tomam uma direção certa, e eu os vejo adquirir uma configuração definida de utilidade. Tudo isso tem valor revigorante e estimulante. Minha sede pela realidade da vida é mitigada e descubro que encontrei plena satisfação em meu Senhor.

Naturalmente, existem sempre pessoas ímpias que se recusam a permitir que Deus as conduza. Insistem em dirigir sua vida e seguir os ditames de sua vontade. Garantem que podem ser donos de seu próprio destino, mesmo que no fim este destino seja a destruição. Não querem ser guiados pelo Espírito Santo — não querem ser dirigidas por ele — querem trilhar seus próprios caminhos e beber de qualquer fonte que, segundo calculam, poderá satisfazer-lhes os caprichos.

Essas pessoas me lembram um bando de ovelhas que observei certo dia, e que estavam sendo conduzidas montanha abaixo para um belo regato. Era um regato de águas puras e claras, límpidas como cristal, alimentado pelas neves derretidas, e que corria por uma campina arborizada. Mas, a caminho, várias fêmeas teimosas e seus cordeirinhos paravam para beber de pequenas poças sujas e barrentas ao lado do trilho. Era uma água turva e poluída, não somente pelo lodo levantado pelas ovelhas que passavam, mas também pelo estéreo e urina do gado que andara por aquela estrada. Mas, assim mesmo, aqueles animais estavam certos de tratar-se da melhor água que poderiam obter.

O líquido era imundo e inadequado para eles. Ademais, estava contaminado com nematódeos e larvas de fasciola hepática, que eventualmente iriam infestar seu organismo de vermes e doenças.

Muitas vezes as pessoas tentam uma ou outra forma de vida com um comentário indiferente: "E daí? Não creio que possa ser tão mal assim." Mal sabem elas que, em muitos casos, existe uma reação retardada, e que pode transcorrer bastante tempo antes que todo o impacto de seu erro de julgamento lhes sobre-venha. Então, de repente, enfrentam problemas sérios e não sabem por quê.

No intuito de evitar estes perigos e livrar-nos deles, Deus nos pede que nos deixemos ser guiados e orientados pelo seu precioso Espírito. Grande parte do ensino e da doutrina das epístolas paulinas no Novo Testamento é que o filho de Deus deve evitar dificuldades. Os textos de Gaiatas 5 e Romanos 8 expõem isso claramente.

O ensino de Jesus aos doze discípulos pouco antes de sua morte, e que nos foi transmitido em João 14 até 17, observa que o Espírito Santo seria dado para guiar-nos à verdade. Viria para ser nosso guia e conselheiro. E sempre nos conduziria às coisas de Cristo. Ele nos faria ver que a vida em Cristo era a única vida realmente satisfatória. Descobriríamos o prazer de ter a alma satisfeita com a sua presença. Seria Cristo quem se tornaria nossa comida e bebida — e por sua ressurreição teríamos uma vida vitoriosa insulada em nós, pelo seu Espírito, a cada dia, e seríamos revigorados e satisfeitos.



Em qualquer estudo deste salmo é preciso lembrar sempre que quem fala é a ovelha, aos cuidados do Bom Pastor. Esse hino é, basicamente, uma proclamação do cristão de que pertence à família de Deus. E, como tal, ele se gaba dos benefícios desse relacionamento.

Assim sendo, alguém pode indagar: "Por que então ele faz essa afirmação: "Refrigera-me a alma"? Certamente, podemos depreender que qualquer um que se ache aos cuidados do Bom Pastor nunca chegue a ficar tão perturbado que venha a carecer de refrigério para a alma.

Mas a verdade é que isso acontece.

Até mesmo Davi, o autor do Salmo, que era muito amado por Deus, sabia o que era estar abatido e desalentado. Já provara o sabor da derrota em sua vida, e sentira a frustração de cair em tentação. Davi estava familiarizado com a amargura de sentir-se desalentado e sem forças em si mesmo.

No Salmo 42.11 ele clama: "Por que estás abatida, ó minha alma? por que te perturbas dentro de mim? Espera em Deus..."

Existe um paralelo perfeito entre esta situação e o cuidado das ovelhas. Somente aqueles que conhecem intimamente os carneiros e seus hábitos entendem o significado de uma ovelha "virada".

Este termo significa que o animal virou-se de costas, e não conseguiu desvirar-se sozinha e colocar-se de pé.

Uma ovelha virada é uma cena triste. Deitada de costas, as patas para o alto, ela se debate freneticamente, lutando para pôr-se de pé, mas sem sucesso. As vezes, ela bale um pouco, como que pedindo socorro, naturalmente. Mas em geral fica ali deitada, batendo as patas, frustrada e assustada.

Se o pastor não aparece no local dentro de certo período de tempo, a ovelha fatalmente morre. Esta é outra das razões por que o ovelheiro diligente deve examinar o rebanho diariamente, e contar os animais para ver se todas se acham em condições de se porem de pé. Se faltar uma ou duas delas, muitas vezes, o primeiro pensamento que lhe ocorre é: "Uma de minhas ovelhas achase virada em algum lugar. Tenho que ir procurá-la e colocá-la de pé."

Uma ovelha de meu rebanho tornou-se conhecida entre nós por esse fato. Todas as primaveras, quando ficava prenhe, não era raro ela virar-se de dois em dois ou três em três dias. Somente por causa de meus cuidados foi que ela sobreviveu de um ano para outro. Certa vez tive que afastar-me da fazenda por alguns dias, exatamente na época em que ela estava com este problema. Chamei de lado meu filho mais novo e disse-lhe que ele seria responsável pela segurança dela, enquanto eu estivesse ausente. Se ele conseguisse mantê-la sempre de pé até eu voltar, seria recompensado pelos seus esforços. Todas as tardes, depois da aula, ele ia fielmente

ao campo e desvirava a pobre ovelha para que não morresse. Era uma tarefa bem difícil, mas ela compensou-nos com um belo par de cordeiros gêmeos.

Mas não é somente o pastor que se mantém alerta para com as ovelhas viradas. Os predadores também o fazem. Cães, coiotes, urubus, bútiós e onças, todos sabem que uma ovelha virada constitui uma presa fácil, e a morte não tarda.

O fato de que toda ovelha virada está completamente só, perto da morte e vulnerável a ataques torna o problema muito sério para o responsável.

Nada exige mais seus cuidados e atenção constante do que o fato de que até mesmo uma ovelha grande, sadia e forte pode virar-se e implicar em prejuízo para ele. E, na verdade, as ovelhas que caem nessa posição mais facilmente são justamente as mais pesadas.

Acontece do seguinte modo. Uma ovelha gorda, pesada ou de pelo grande deita-se confortavelmente em uma pequena depressão de terreno. Rola ligeiramente de lado ou estende-se para descansar. De repente, o centro da gravidade de seu corpo desloca-se e ela se vê de costas, de modo que as patas não tocam mais o chão. Talvez entre em pânico, e passe a debater-se freneticamente. Muitas vezes, isto piora a situação, porque ela rola mais e mais. Então torna-se impossível recuperar a posição inicial.

E enquanto ela está ali deitada, lutando, começam a formar-se na bolsa ruminante gases, que se expandem e tendem a retardar a circulação do sangue nas extremidades do corpo, principalmente das patas. Se estiver fazendo calor, e o sol estiver quente, a ovelha nesta posição pode morrer em poucas horas. Se estiver fazendo frio e chovendo, é possível sobreviver nessa posição durante vários dias.

Se a ovelha for uma fêmea com cria, naturalmente, o prejuízo do criador é maior. Se os cordeiros não nasceram ainda, morrem com ela. Se são pequeninos e se amamentam da mãe, tornam-se órfãos. Tudo isso agrava sempre mais a situação.

Portanto, é fácil entender por que o pastor está sempre alerta para este problema.

Durante os anos em que fui criador de ovelhas, talvez as lembranças mais pungentes estejam ligadas à ansiedade da contagem dos animais, associada ao trabalho de salvar e resgatar as ovelhas viradas. Não é fácil transmitir para o papel o senso de perigo sempre presente. Quantas vezes eu saía cedo e corria os olhos para o céu. Se visse as escuras aves de rapina circulando no alto com seus volteios de longas espirais, ficava dominado pela angústia. Deixava tudo, imediatamente, e corria ao pasto, contava o rebanho para verificar se todas estavam bem e capazes de se manterem em suas patas.

Isto é parte também da maravilhosa história das noventa e nove ovelhas, e da extraviada. Ali está retratado o grande interesse do Pastor; sua busca agonizante; seu anseio de encontrar a ovelha que falta; sua alegria não somente de poder recolocá-la de pé, mas também de reconduzi-la ao rebanho.

Várias e várias vezes passei horas procurando uma única ovelha desaparecida. Então, na maioria das vezes, eu a avistava ao longe, deitada de costas, totalmente desamparada. Imediatamente eu disparava a correr em direção a ela — o mais depressa que podia — pois cada minuto era de grande importância. Em meu coração havia um misto de medo e alegria — medo de que já fosse tarde demais e alegria por havê-la encontrado.

Logo que chegava junto da ovelha, meu primeiro impulso era pegá-la. Cuidadosamente, eu a virava de lado. Isso aliviava a pressão dos gases na bolsa. Se já estava ali havia muito tempo, eu teria que colocá-la na posição certa. Depois, amparando-a com a perna, eu a erguia, massageando-lhe os membros para restabelecer a circulação. Geralmente, isto levava bastante tempo. Quando a ovelha começava a caminhar de novo, muitas vezes tropeçava, cambaleante, e caía novamente.

Durante todo o tempo em que cuidava dela, eu lhe falava em voz suave: "Quando você vai aprender a ficar de pé?" "Estou tão alegre de havê-la encontrado, sua 'levada'!"

E assim ia a conversa, sempre com uma linguagem que era ao mesmo tempo de repreensão e ternura, compaixão e disciplina.

Pouco a pouco, a ovelha recobrava o equilíbrio e começava a caminhar firmemente e com segurança. E pouco depois já estava correndo para reunir-se às outras, agora livre de temores e frustrações, e com uma nova chance de viver mais um pouco.

Toda esta cena retorna ao meu coração quando repito esta declaração: "Refrigera-me a alma."

Existe um toque intensamente pessoal, terno e carinhoso, mas profundamente envolto em perigo neste quadro. De um lado está a ovelha vulnerável, completamente imobilizada, embora, em outras circunstâncias seja forte, saudável e desenvolta; do outro lado está o criador, atento, rápido e pronto a vir em seu socorro, sempre paciente, terno e prestimoso.

A esta altura, é importante observar que, semelhantemente, na vida cristã existe um maravilhoso e reconfortante paralelo deste quadro.

Muitas pessoas têm a idéia de que, quando um filho de Deus cai, quando se sente frustrado e desamparado, passando por um problema espiritual, o Senhor fica desgostoso, irritado e até furioso com ele.

Isto não é verdade.

Uma das maiores revelações do coração de Deus que Cristo nos forneceu é exatamente esta visão do nosso Pastor. Ele passa pelas mesmas aflições, preocupações e compaixão pelo homem abatido, que eu passava pelas minhas ovelhas. Foi exatamente por isso que ele procurou o homem com tanto empenho e compaixão. Essa atitude explica seu modo magnânimo de tratar com indivíduos ímpios, nos quais nem mesmo a sociedade vê nenhum valor. Isso revela por que ele chorou por aqueles que rejeitaram seu afeto. Revela as profundezas de sua compreensão para com as pessoas destituídas, às quais ele veio pronta e rapidamente salvar, ajudar e restaurar.

Quando leio a história de Jesus Cristo e examino cuidadosamente sua conduta em relação às carências humanas, eu o vejo sempre como o Bom Pastor, cuidando da ovelha virada. A ternura, o amor e a paciência que demonstrou ao restaurar a alma de Pedro após a terrível tragédia de suas tentações, são um exemplo clássico de Cristo buscando restaurar um dos seus.

E assim, ele se apresenta a mim, suave, terno e tranquilizador, não importa quando, onde ou como eu esteja abatido.

No Salmo 56.13, temos um comentário preciso deste aspecto da personalidade de Cristo, nas seguintes palavras: "Pois da morte me livraste a alma, sim livraste da queda os meus pés, para que eu ande na presença de Deus na luz da vida."

Precisamos ser realistas e encarar os fatos da vida do filho de Deus exatamente como são. A maioria dos crentes, embora pertencendo a Cristo, desejando estar sob seu controle e esforçando-se para ser dirigido por ele, em algumas ocasiões encontra-se abatida, "virada".

Descobrimos que quando nos achamos mais seguros de nós mesmos é que tropeçamos e caímos. As vezes, quando parece que estamos prosperando na fé, caímos num estado de total frustração e inutilidade.

Escrevendo aos coríntios, Paulo advertiu-os deste perigo. "Aquele, pois, que pensa estar em pé, veja que não caia." (1 Co 10.12.)

Devemos reconhecer que isto pode parecer um dos paradoxos e enigmas da vida cristã. Porém, se examinarmos o fato detidamente, veremos que não é de tão difícil compreensão.

Como acontece às ovelhas, e também aos cristãos, existem alguns princípios básicos que podemos aplicar, e que nos ajudarão a entender o modo como o homem pode ficar "virado", abatido. Em primeiro lugar, é a procura do lugar mais confortável para deitar-se. A ovelha que

sempre procura aquele recanto cômodo, macio, aquela depressão redonda para repousar, freqüentemente fica virada. Numa situação dessas, é muito fácil virar de costas.

Na vida cristã também existe um grande perigo em procurarmos sempre o lugar mais fácil, o canto mais agradável, a posição mais confortável, onde não ocorram dificuldades e não precisemos resistir às durezas da vida e nem exercitar a autodisciplina.

Quando chegamos a pensar "Consegui afinal", realmente encontramos-nos diante de um perigo mortal. Existe verdadeiramente a disciplina da pobreza e das privações que pode ser auto-imposta, para grande benefício nosso. Jesus sugeriu isto ao jovem rico, que enganosamente supunha achar-se numa posição segura, quando, na verdade, encontrava-se na iminência de ser abatido.

Muitas vezes, se, por auto-indulgência, estou relutante em abandonar ou sacrificar uma vida mais sossegada, um caminho mais fácil, o recanto agradável, é possível que o Bom Pastor venha transferir-me para uma pastagem onde a situação não é tão confortável — não somente para o meu próprio bem, mas também para o bem dele.

Nas Escrituras, a lã representa a velha vida egoísta. Trata-se da expressão exterior de uma atitude interior, a afirmação de meu próprio anseio, esperanças e aspirações. É o aspecto de minha personalidade através do qual estou continuamente em contato com o mundo que me cerca. É ali que se encontra a acumulação de coisas, bens, idéias do mundo que começam a pesar e a arrastar-me para baixo, a reter-me no lugar.

É interessante notar que o sumo-sacerdote no Velho Testamento não tinha permissão de usar vestimentas de lã quando entrava no Santo dos santos. Ela é uma figura do ego, do orgulho, da auto-indulgência — coisas que Deus não tolerava.

Se desejo continuar caminhando com Deus e não ficar para sempre abatido, o Senhor precisará disciplinar seriamente este aspecto de minha vida.

Sempre que descubro que uma ovelha virou por estar com a lã muito cheia e pesada, logo tomo prontas providências para corrigir esta situação. Em último caso, eu a tosquio totalmente, e assim previno o perigo de o animal perder a vida. Nem sempre a tosquia é um processo agradável. As ovelhas realmente não apreciam a tosquia, e o serviço também é cansativo para o pastor, mas urge que seja feito.

Na verdade, depois de terminado, tanto o pastor como a ovelha sentem-se aliviados. Não existe mais o perigo de o animal ficar virado, e quanto à ovelha, está livre da capa pesada. Muitas vezes o pelo fica todo emaranhado de estêreo imundo, lama, carrapichos e carrapatos. Que alívio estar livre de tudo aquilo!

E, do mesmo modo, no que tange à nossa antiga vida, chega um dia em que o Senhor tem que pegar-nos pela mão e aplicar em nossa vida o fio cortante da sua Palavra. Por vezes, isso será um processo bem desagradável. Sem dúvida, relutaremos e espernearemos. É possível que saíamos com alguns arranhões e ferimentos. Mas, que alívio quando tudo termina. Ah, que prazer estarmos livre de nós mesmos! Que refrigério!

A terceira causa pela qual algumas ovelhas ficam viradas é simplesmente porque são gordas demais. É fato conhecido que os animais com excesso de peso não são nem os mais saudáveis, nem os mais produtivos. E são as ovelhas gordas que se viram com maior freqüência. O peso dificulta-lhes os movimentos, e não podem estar sempre de pé.

Naturalmente, logo que o ovelheiro suspeita que seus carneiros estão-se virando demais por causa do peso, toma providências, que, a longo prazo, corrigirão o problema. Dará a eles uma alimentação mais rigorosa. Receberão menos cereais, e as condições gerais deverão ser atentamente observadas. Seu objetivo é cuidar para que as ovelhas sejam fortes, resistentes e cheias de energia, e não gordas, balofas e fracas.

Na vida cristã, encontramos o mesmo tipo de situação. Pode haver um homem ou mulher que por ter se saído muito bem nos negócios, ou na carreira ou no lar, creia que é próspero e que já atingiu o ápice. Tais pessoas podem ter certo senso de bem-estar e autoconfiança, que em si mesmo é perigoso. Muitas vezes, quando estamos mais seguros de nós mesmos, é que temos maior probabilidade de cair.

Em sua advertência à Igreja, em Apocalipse 3.17, Jesus observa que, embora alguns deles se considerassem ricos e prósperos, encontravam-se realmente em grande perigo. Ensinou esta mesma lição na parábola do rico fazendeiro que tencionava construir mais e maiores celeiros, quando, na realidade, achava-se na iminência de uma destruição total.

O sucesso material não fornece a medida da saúde espiritual de ninguém. Nem é uma aparente prosperidade a prova de real espiritualidade. E é bom para nós que o Pastor de nossas almas possa devassar essa capa exterior e enxergar nosso coração e tomar providências para acertar as coisas.

Ele pode até impor-nos algum tipo de "regime" ou "disciplina", que, a princípio, talvez achemos um pouco duro e desagradável. Mas precisamos assegurar-nos *de que isso é para o nosso bem — pois ele nos ama — e favorece sua reputação de Bom Pastor.*

Em Hebreus 12, vemos como Deus gosta de disciplinar aqueles que ama. No momento da disciplina, ela pode parecer difícil, mas depois produzirá uma vida de repouso e tranquilidade, livre do temor e da frustração de ficar abatido, "virado", como uma ovelha que se acha desamparada nessa posição.

A resistência de que necessitamos para encarar a vida e os terríveis revezes que ela nos traz somente poderá ser alcançada pela disciplina da persistência e das dificuldades. Em sua misericórdia e amor, o Senhor faz disso uma parte de nosso programa de vida. É parte do preço pago por se pertencer a ele.

Podemos estar certos de que ele nunca esperará ou pedirá que enfrentemos dificuldades maiores que as que podemos suportar (1 Co 10.13). Mas aquelas a que ele nos expõe servirão para fortalecer e fortificar nossa fé e confiança na orientação dele. Se ele é o Bom Pastor, podemos ficar descansados pois sabe o que está fazendo. Tal certeza, em si mesma, já deve ser suficiente para constantemente dar refrigério à minha alma. Não sei de outra certeza que possa acalmar e vivificar nossa vida espiritual mais do que estar ciente de que "Deus sabe o que faz comigo".

Guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome



As ovelhas são, reconhecidamente, criaturas que observam hábitos. Se entregues a si mesmas, seguirão sempre os mesmos caminhos até que estes se tornem gastos. Pastam nas mesmas colinas até que elas fiquem destituídas de vegetação: defecam na própria terra até que se torna poluída com vermes e parasitas. Muitos dos melhores rebanhos de ovinos do mundo acabam deteriorados e sem condições de recuperação por falta de rodízio na pastagem, por causa de erros na administração da criação e devido à indiferença ou ignorância dos pastores.

Basta viajar por regiões como a Espanha, Grécia, Mesopotâmia, norte da África, a parte ocidental dos Estados Unidos, Nova Zelândia e Austrália, para se ver a destruição que as ovelhas causam na terra. Certas áreas dessas regiões, que anteriormente haviam sido campinas férteis, gradualmente foram sendo reduzidas a desertos devastados.

Um número excessivo de ovelhas, pastando durantes um período de tempo demasiadamente longo, sob orientação fraca, nada deixa em seu rastro, a não ser pobreza e destruição.

Uma idéia errônea acerca das ovelhas, mas largamente aceita, é a de que podem "viver em qualquer lugar". O oposto é que é verdade. Nenhum outro tipo de gado exige uma atenção mais cuidadosa, uma orientação mais meticulosa do que o ovino. Com toda a certeza, Davi, sendo pastor, já aprendera esta lição por experiência própria e da maneira mais dura. Sabia sem sombra de dúvida que, para o rebanho prosperar e a reputação do criador como administrador ser mantida em alto conceito, ele teria que observar continuamente um controle e orientação meticolosos.

A primeira fazenda que comprei quando jovem era um pedaço de terra abandonado que havia sido completamente devastado por rebanhos de ovelhas. O criador estava sempre ausente e arrendara o lugar para outro homem. Este simplesmente lotou a fazenda de ovelhas e depois deixou-as entregues a si mesmas. O resultado foi uma desolação total. Os pastos ficaram tão ralos e empobrecidos, que nada medrava ali a não ser uma relva ruim. Os trilhos seguidos pelos animais se tornaram imensos regos. A erosão nos barrancos era tremenda, e o lugar todo achava-se tão devastado que era impossível reconstituí-lo.

Tudo isso apenas porque as ovelhas, ao invés de terem sido guiadas e conduzidas com inteligência, tinham sido deixadas para se arranjar por si mesmas — para andarem em seus próprios caminhos, abandonadas aos caprichos de seus hábitos destrutivos.

A consequência dessa indiferença é que as ovelhas cortam a relva até a raiz, e o pasto fica danificado. Já vi lugares na África onde as raízes do capim haviam sido arrancadas do solo,

resultando em terrível desolação. Essa prática abusiva acarreta a perda de fertilidade do solo e expõe o terreno à ameaça da erosão.

Devido a este comportamento das ovelhas e sua permanência constante nos lugares de sua preferência, estas áreas "maltratadas" logo ficam infestadas de parasitas, de todos os tipos. Em pouco tempo, todo um rebanho pode ficar contaminado por vermes, nematoides e sarna. O resultado final é que tanto a terra se torna imprestável, como o proprietário fica arruinado e o rebanho magro e doente.

O pastor inteligente está bem a par disso. E não somente pelo bem-estar das ovelhas e a conservação do solo, mas também pelo seu bom nome como criador, ele deve tomar as precauções necessárias para evitar estes hábitos maléficos dos animais. Tais hábitos em si mesmos já encerram sérios problemas.

O melhor recurso de que o pastor pode lançar mão na criação de ovinos, é mudar sempre de pastos. Isto vale dizer que as ovelhas não devem ser mantidas durante longo tempo numa mesma pastagem. Periodicamente, devem ser transferidas de um local para outro. Essa medida evita que o capim seja destruído por pastarem demasiadamente. Evita também que a formação de sulcos nos trilhos por onde caminham sempre, cause a erosão da terra, pelo excesso de uso. Ademais, previne a re-contaminação das ovelhas pelos seus próprios vermes e enfermidades, já que elas se mudam dos terrenos poluídos antes que esses organismos completem seu ciclo de vida.

Em suma, deve haver uma planificação do trabalho, um rodízio planejado e deliberado de uma pastagem para outra, em observância a certos princípios de boa administração. Esta era exatamente a linha de ação e a ideia que Davi tinha em mente, quando mencionou ser conduzido pelos caminhos da justiça.

E é no fato de seguir-se um plano de operações bem feito, que reside o segredo de obter-se rebanhos saudáveis e terra produtiva. Isso constitui a chave do sucesso na criação de ovelhas. O bom nome e a reputação do criador dependem exatamente de sua eficiência em manter o gado sempre mudando-se para novas pastagens verdejantes e bem ricas. Aquele que administra seu rebanho obedecendo a este curso de ação, seguramente obterá sucesso.

Volvendo os olhos da memória para os anos em que criei ovelhas, relembro que nenhum outro aspecto do trabalho da fazenda exigia maior atenção que o da transferência das ovelhas. Era um fato que determinava todas as decisões a serem tomadas. Não se passava nem um só dia sem que eu fosse ao pasto onde as ovelhas estavam pastando para observar como ia o equilíbrio entre o crescimento da relva e o desgaste feito pelos animais. Logo que chegava a um ponto que eu considerava o máximo de desgaste possível, tanto para o benefício das ovelhas como da terra, o rebanho era removido para outro local. Isso significava que, em média, fazíamos essa transferência uma vez por semana. Numa escala bem ampla, o sucesso que obtive na criação de ovelhas deve ser atribuído a este cuidado que tivemos em nosso plano de trabalhos.

Recurso semelhante é aplicado ao rebanho que é levado às pastagens de verão, nas montanhas, por pastores itinerantes. Esses conduzem suas ovelhas a novos pastos quase que diariamente. Em geral, elabora-se um plano cuidadoso de pastagens, com certa antecedência, para que as ovelhas não se alimentem no mesmo terreno durante muito tempo. Alguns pastores têm o costume de estabelecer um acampamento-base, de onde partem em diversas direções, formando círculos cada vez mais amplos, como os lobos de uma folha de trevo. Cada dia vão para um pasto novo, e, à noite, retornam ao acampamento.

Aliado a este conceito de administração, deve haver um amplo conhecimento do terreno, por parte do criador. Ele deve examinar toda a propriedade, várias e várias vezes. Deve conhecer todos os pontos de vantagem e desvantagem. Deve saber onde o rebanho poderá desenvolver-se e conhecer os locais onde o capim é mais pobre. A partir dessas informações, ele fará seu planejamento.

Um detalhe que merece nota aqui é que sempre que o pastor abre os portões para um pasto novo, as ovelhas são tomadas de grande contentamento. E quando atravessam os portões, até

mesmo as fêmeas mais velhas muitas vezes saltam e escoiceiam de prazer à perspectiva de encontrarem relva nova. Como se alegram ao serem conduzidas a novos terrenos!

Vejamos então o paralelo humano deste tema.

Ficaremos admirados com algumas das similaridades. Como já mencionamos, não é por acaso que Deus nos compara a ovelhas. Nossos padrões de comportamento e hábitos de vida são muito semelhantes aos desses animais e, portanto, bastante constrangedores.

Primeiramente, as Escrituras ensinam que a maioria das pessoas é teimosa e cabeçuda. Preferimos seguir nossas próprias convicções e nossos próprios caminhos. "Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho." (Is 53.6.) E fazemos isso deliberada e reiteradamente, mesmo com desvantagem para nós. Existe algo de aterrador com relação à autodestrutiva determinação do ser humano. É algo que se acha inexoravelmente vinculado ao orgulho pessoal e auto-afirmação. Insistimos em declarar que sabemos o que é melhor para nós, embora os resultados desastrosos possam estar evidentes.

Assim como as ovelhas, cega, habitual ou estúpida-mente, seguem umas as outras ao longo das mesmas estradinhas até que afinal se tornam enormes regos, assim também nós, os seres humanos, agarramo-nos a hábitos que já vimos arruinar a vida de outros.

Seguir "pelo caminho" significa simplesmente fazer o que eu quero. Significa que sou livre para assegurar-me meus próprios desejos e realizar minhas próprias idéias. E assim agimos a despeito de quaisquer advertências.

Em Provérbios 14.12 e 16.25 lemos o seguinte: "Há caminho que ao homem parece direito, mas ao cabo dá em caminhos de morte."

Em franco contraste com isso, Cristo, o Bom Pastor, apresenta-se ternamente e diz: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim." (Jo 14.6.) "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância." (Jo 10.10.)

A dificuldade é que a maioria das pessoas não deseja ir a ele. Não temos nenhum interesse em segui-lo. Não queremos ser conduzidos aos caminhos da justiça. Parece que, por uma razão qualquer, tal atitude vai de encontro à nossa natureza. Na verdade, preferimos andar pelos nossos próprios caminhos, mesmo que nos conduzam diretamente para as dificuldades.

A ovelha teimosa, voluntariosa, orgulhosa e autossuficiente, e que persiste em seguir sempre pelas velhas trilhas batidas e pastar em terrenos poluídos, acaba se tornando um feixe de ossos, numa terra arruinada. O mundo em que vivemos está cheio de pessoas assim. Lares desfeitos, corações em sofrimento, vidas destruídas e personalidades pervertidas que se encontram por toda a parte revelam homens e mulheres que seguiram seu próprio caminho. Vivemos no meio de uma sociedade enferma, lutando pela sobrevivência numa terra sitiada. A ambição e o egoísmo da humanidade deixam atrás de si um legado de ruínas e remorsos.

Em meio a este caos e confusão, aparece Cristo, o Bom Pastor que diz: "Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me." Mas a maioria das pessoas, mesmo os crentes, simplesmente não quer fazer isso. Não queremos negar-nos a nós mesmos, ceder o direito de tomar nossas próprias decisões — não queremos seguir; não queremos ser conduzidos.

Naturalmente, a maioria de nós, se confrontada com essa acusação, irá negar. Afirmaríamos com veemência que somos "guiados pelo Senhor". Insistiríamos em que o seguiremos por onde ele nos conduzir. Cantamos hinos que afirmam isto e damos um assentimento mental a essa ideia. Mas, no que diz respeito a sermos conduzidos pelos caminhos da justiça, são poucos os que o fazem.

Na verdade, este é o ponto central no qual o crente ou segue a Deus ou deixa de segui-lo.

Existem inúmeros cristãos voluntariosos, teimosos, indiferentes e egoístas que, na realidade, não podem ser considerados seguidores de Cristo. Existem relativamente muito poucos discípulos diligentes que abandonam tudo para seguir o Mestre.

Jesus nunca minimizou o preço envolvido no ato de segui-lo. Aliás, ele deixou dolorosamente claro que se tratava de uma vida de autonegação. Ela exige todo um novo conjunto de atitudes. Não é o modo normal e natural em que uma pessoa viveria, e essa verdade é que torna o preço proibitivo para a maioria dos homens.

Em suma, há sete atitudes que precisaremos adotar. São atitudes equivalentes a marchar em frente, entrando em novos terrenos com Deus. Quem as seguir, encontrará novas pastagens, uma vida nova e abundante, boas condições de saúde, integridade e santidade no caminhar com Deus. Nada agradará mais ao Senhor, e com toda certeza nenhuma outra atividade de nossa parte resultará em maior benefício para a vida daqueles que nos rodeiam.

1. Em vez de amar a mim mesmo, estou mais disposto a amar a Cristo e aos outros, acima de minha própria pessoa.

O amor de que falam as Escrituras não é uma emoção terna e sentimental. É um ato deliberado de minha vontade. Significa que estou disposto a dar minha vida, a entregar-me a mim mesmo, desdobrar-me em favor de outros. Foi exatamente isto que Deus realizou por nós, em Cristo. "Nisto conhecemos o amor, em que Cristo deu a sua vida por nós." (1 Jo 3.16.)

No momento em que deliberadamente realizo algo de definido para Deus e para os outros, algo que me custa um preço, estou expressando amor. Amor é altruísmo, ou auto-sacrifício, em contraposição ao egoísmo. A maioria das pessoas sabe pouco a respeito dessa vida, dessa atitude de ser "guiado" neste caminho certo. Mas depois que uma pessoa descobre o deleite de fazer benefícios em favor de outrem, ela atravessou os portões e está sendo conduzida por Deus aos pastos verdejantes.

2. Ao invés de identificar-me com a multidão, eu me disponho a distinguir-me, separar-me do grupo.

A maioria das pessoas, como as ovelhas, tem senso gregário. Desejamos integrar-nos na sociedade. Não gostamos de ser diferentes numa dimensão mais profunda, distintiva, embora queiramos destacar-nos em detalhes que agradam a nossa personalidade egoística.

Mas Cristo observou que somente uns poucos iriam achar seu caminho agradável. Ser marcado como pertencendo a ele, importaria em receber certo volume de crítica e sarcasmo de uma sociedade cínica. Muitos de nós não querem isto. Assim como ele foi um homem de dores, que sabia o que era padecer, nós também teremos que ser assim. Em vez de aumentar os sofrimentos e tristezas da sociedade, podemos ser chamados para ajudar a carregar o fardo de outras pessoas, para entrar no sofrimento dos outros. Estaremos dispostos a isso?

3. Em vez de lutar pelos meus direitos, disponho-me a sacrificá-los, em benefício de outros.

Basicamente foi isto que o Senhor quis dizer, quando falou em negar-se a si mesmo. Não é fácil fazer isto; tampouco isto é uma atitude natural, normal. Mesmo na atmosfera afetuosa do lar, nosso intento de autoafirmação evidencia-se fortemente, e o exercício dos direitos pessoais está sempre vivo.

Mas a pessoa que estiver disposta a subjugar seu orgulho, a tomar um dos últimos assentos, a tocar o segundo violino sem alimentar um sentimento de amargura ou humilhação, terá caminhado bastante com Deus, em novo terreno.

Existe um enorme senso de libertação do ego, nesta atitude. A pessoa é liberta das cadeias do orgulho pessoal. É muito difícil tal pessoa ofender-se. Aquele que não tem um forte senso da própria importância não pode ser ofendido nem humilhado. Por alguma razão, ele goza de grande despreocupação, que torna sua vida espiritual mais contagiante de alegria e satisfação.

4. Em vez de ser o "principal", disponho-me a ficar no final da fila. Ou para empregar a terminologia da ovinocultura, em vez de ser o "carneiro chefe", estou disposto a ser o "da cauda". Quando o desejo de autoafirmação, auto engrandecimento, o intento de agradar a si mesmo dá

lugar ao desejo de simplesmente agradar a Deus e aos outros, grande parte do peso das preocupações e tensões desaparece de nossa vida.

A marca da alma serena é a ausência de esforço, ou pelo menos do impulso de autodeterminação. A pessoa que se acha disposta a depositar seus interesses pessoais nas mãos do Mestre, para que ele os administre e oriente, alcançou o estado ideal de descanso e repouso em campos verdejantes, diariamente. São esses que encontram tempo e energias para agradar a outros.

5. Ao invés de estar sempre culpando a vida e sempre indagando: "Por quê?", disponho-me a aceitar cada circunstância dela com uma atitude de gratidão. Os seres humanos sendo como são, por algum motivo, sentem-se no direito de questionar as razões de tudo que lhes sucede. Em muitos casos, a própria vida se torna um constante criticar e dissecar das circunstâncias da vida e dos conhecidos. Sempre procuramos alguém ou alguma coisa a que possamos impingir a culpa de nossos infortúnios. Muitas vezes, esquecemos mais rapidamente as bênçãos que os revezes.

Mas quando realmente acreditamos que nossos interesses se acham nas mãos de Deus, cada evento, não importa que seja feliz ou trágico, será compreendido como parte do plano divino para nossa vida. Reconhecer, sem a mínima sombra de dúvida, que ele faz tudo para o nosso bem, significa ser conduzido a uma imensa paz, calma e força em toda e qualquer situação.

6. Em vez de exercitar e afirmar minha vontade, aprendo a cooperar com os desejos dele e operar de acordo com sua vontade.

Devemos notar que os pontos mencionados aqui afetam a vontade.

Os santos do passado observavam continuamente que nove décimos da religião, do cristianismo, do processo de tornar-se um verdadeiro seguidor e um discípulo dedicado, residem na vontade.

Quando um homem permite que sua vontade seja cancelada, anulando o grande Eu de suas decisões, então realmente a cruz foi aplicada àquela vida. É isso que significa tomar a cruz diariamente — encaminhar-se para a própria morte — minha vontade não mais tomará decisão nesta ou naquela questão, mas a dele é que será feita.

7. Em vez de escolher meu próprio caminho, estou disposto a seguir o de Cristo: realizar aquilo que ele me pede para fazer.

Basicamente, isto é apenas obediência direta. Significa que faço aquilo que ele me pede. Vou onde ele me convida a ir. Digo aquilo que ele me instrui a dizer. Ajo e reajo da maneira que ele afirma ser para o meu próprio bem e meus melhores interesses, como para o bem de seu nome (se é que o sigo).

Muitos de nós parecem possuir grande volume de informação acerca do que o Mestre espera de nós. Mas são poucos os que têm vontade, determinação e intenção de agir de acordo com essa informação ou seguir suas instruções. Todavia, aquele que se decide a fazer o que Deus lhe pede, muda-se para um terreno novo, que trará a ele e a outros muitos benefícios. Ademais, tal atitude agradará infinitamente ao Bom Pastor.

Deus deseja que todos sigamos com ele. Quer que caminhemos com ele. E quer isso não somente para o nosso bem, mas também para o benefício de outros, assim como para o bem de seu próprio nome.

Talvez alguém esteja pensando que o Senhor exige demasiadamente de nós. Talvez ache suas exigências por demais drásticas. Alguns talvez até considerem seu chamado impossível de ser obedecido.

Seria, se tivéssemos de depender apenas de autodeterminação e autodisciplina, para vencermos. Mas, se estivermos interessados em realizar sua vontade e ser conduzidos, ele torna isso possível pelo seu próprio Espírito que é dado àqueles que lhe obedecem (At 5.32). Pois é ele quem opera em nós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade (Fp 2.13).



Ainda que eu ande pelo vale...

Do ponto-de-vista do pastor, esta declaração marca a metade do salmo. É como se até este ponto a ovelha estivesse se gabando, para um vizinho infeliz, do outro lado da cerca, dos excelentes cuidados que seu criador lhe dispensa no aprisco da fazenda, durante o inverno e a primavera.

Agora, ela se volta para o pastor, e passa a dirigir-se a ele diretamente. Os pronomes pessoais eu e tu entram no discurso dela. Tem início uma conversa mais íntima e de profundo afeto.

Isto é natural e normal. As longas caminhadas para as regiões montanhosas em busca de pastagens de verão iniciam-se aqui. Para trás ficam as ovelhas negligenciadas, do outro lado da cerca. O criador delas nada conhece a respeito das colinas — as campinas das montanhas, às quais estas ovelhas devem ser levadas. Estas outras passarão o verão em contato íntimo com o bom pastor, recebendo seus cuidados.

Tanto na Palestina como em nossas fazendas ocidentais é muito comum esta prática de dividir o ano em dois períodos de atividades. A maioria dos bons criadores esforçar-se para levar o rebanho a pastagens distantes durante o verão. Em muitos casos, isto implica em longas caminhadas. As ovelhas movem-se lentamente, pastando à medida que avançam, caminhando para o alto, seguindo o trilho deixado pela neve derretida. No fim do verão, já se encontram bem no alto, nos remotos campos alpinos, acima da linha das florestas.

Mais tarde, com a aproximação do outono, as primeiras neves acumulam-se nos picos mais elevados, forçando o rebanho a descer para lugares baixos. Por fim, já no fim do ano, passado o outono, as ovelhas são conduzidas para a fazenda, onde permanecem durante todo o inverno. E justamente esta parte do programa atual é descrita na segunda metade deste poema.

Durante este período, o rebanho fica inteiramente a sós com o pastor. Os animais acham-se em contato íntimo com ele e sob sua atenção pessoal, dia e noite. É por isso que estes últimos versos são expressos em linguagem íntima, na primeira pessoa. E é bom lembrar que tudo isso se passa contra um fundo dramático de montanhas agrestes, rios de correnteza forte, altos campos, e pastagens em terrenos elevados.

O salmista Davi, naturalmente, conhecia este tipo de terreno, numa experiência de primeira mão. Quando Samuel foi enviado para ungi-lo rei de Israel, ele não se encontrava em casa, com os irmãos, na fazenda. Achava-se nas colinas, nas pastagens altas, vigiando o rebanho de seu pai. Tiveram que mandar chamá-lo para vir até em casa. Não admira que soubesse descrever com tanta clareza e precisão o relacionamento entre a ovelha e seu pastor.

Ele conhecia, por experiência própria, todas as dificuldades e perigos, bem como as alegrias, da caminhada pelas montanhas. Várias vezes subira para os pastos superiores com suas ovelhas. Conhecia aquela região agreste e maravilhosa, como a palma de sua mão. Nunca levava o rebanho a um lugar onde ele próprio não tivesse estado antes. E sempre seguia na frente para examinar o local detidamente.

Estava familiarizado com os perigos dos rios turbulentos na cheia; avalanches de terra e de pedras; plantas venenosas; a fúria dos animais predadores que atacavam o rebanho e as terríveis tempestades de granizo e neve. Ele cuidava das ovelhas com desvelo em meio a essas condições adversas e as conduzia muito bem. Nada o tomava de surpresa. Estava perfeitamente preparado para defender seu rebanho e cuidar dele com grande habilidade, sob quaisquer circunstâncias.

Tudo isto está refletido na belíssima simplicidade dos últimos versos. Há neles uma grandeza, uma tranquilidade e uma segurança, que deixam a alma em completo repouso, "...não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo" — comigo em cada situação, em cada provação sombria, em cada frustração, em cada problema inquietante.

Na vida cristã, falamos muitas vezes de querer "subir para os montes altos com Deus". Como ansiámos viver acima dos baixos desta vida! Queremos estar acima do povo em geral, encetar uma caminhada de contato mais íntimo com Deus. Falamos da experiência dos lugares elevados e invejamos aqueles que ascenderam às alturas espirituais e entraram nesta vida sublime.

Muitas vezes, porém, temos uma idéia errônea de como isto pode tornar-se realidade. É como se imaginássemos que pudéssemos "ser içados" para este lugar alto. Mas tal não acontece na difícil estrada da vida cristã. Assim como se dá na criação de ovelhas, também sucede com o povo de Deus — só chegamos aos lugares altos subindo pelas encostas dos vales.

Toda montanha tem seus vales. As encostas deles são marcadas por profundas ravinas, sulcos e depressões. E a melhor rota para se chegar ao alto é justamente a que percorre os vales.

Qualquer pastor familiarizado com as campinas das montanhas sabe disso. Ele guia seu rebanho mansa mas persistentemente montanha acima, pelas trilhas que atravessam aqueles vales escuros. Devemos notar que este verso afirma o seguinte: "Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte..." Não diz que morro nele, nem que paro nele — mas, sim, que o atravesso.

É comum usar-se este texto para consolar aqueles que estão passando pelo vale escuro da morte. Mas, mesmo nesta situação, para o filho de Deus, a morte não é um fim, mas a porta de acesso a uma vida mais elevada, a uma vida superior de íntimo contato com Cristo. A morte é apenas um vale escuro que dá para o monte do gozo eterno com Deus. Não é um fato a ser temido, mas uma experiência pela qual passamos no caminho para uma vida mais perfeita.

O Bom Pastor sabe disso. É uma das razões por que ele disse: "Eis que estou convosco todos os dias", sim, até mesmo no vale da morte. Que consolo e que conforto para nós!

Experimentei plenamente deste consolo quando minha esposa passou para este "alto retiro". Durante dois anos, andamos por esse vale da sombra da morte, vendo seu belo corpo ser consumido pelo câncer. Com a aproximação da morte, sentei-me à beira de seu leito e segurei-lhe as mãos. E foi assim que, tranqüilamente, atravessamos o vale da morte. Nós dois, calmamente, conscientes da presença de Cristo. Não houve nenhum temor — apenas uma ascensão para os lugares altos.

Para aqueles que ficam na terra, a vida continua e deve ser vivida. Ainda há vales para serem atravessados, no restante de seus dias. Mas tais experiências não precisam constituir uma rua sem saída. As frustrações, decepções, os desânimos, os problemas, os dias escuros e difíceis, embora sejam vales escuros, não precisam ser, necessariamente, experiências desastrosas. Podem ser estradas ascendentes, em nossa marcha com Deus.

Afinal, se pararmos para refletir por um momento, veremos que as modernas rodovias que cortam nossas montanhas seguem pelos vales, a fim de alcançar o topo delas. Do mesmo modo, os caminhos de Deus nos conduzem para o alto, através dos vales da vida.

Muitas vezes, tenho dito a mim mesmo: "Ó Deus, esta provação parece dura demais, mas sei com certeza que no fim tu me proporcionarás um modo fácil e suave para que eu atinja o lugar alto." E então, quando agradeço a ele pelas dificuldades, pelos dias sombrios, descubro que ele está comigo, em meu sofrimento. Neste ponto, o pânico, os temores e dúvidas cedem lugar a uma confiança calma e tranqüila em seus cuidados. De alguma forma, de maneira serena, passo a ter certeza de que tudo redundará em bênção para mim, pois ele está comigo no vale, e tudo se acha sob seu controle.

Chegar a esse estado de convicção na vida cristã significa possuir uma atitude de tranqüila aceitação das adversidades. Significa mudar-se para um alto retiro com Deus. Conhecer-lo sob esse novo prisma mais íntimo torna a vida mais suportável que antes.

Mas existe uma segunda razão pela qual as ovelhas são conduzidas ao alto da montanha, passando pelos vales. Não apenas são estes os caminhos de subida mais gradativa, mas também os que apresentam melhor suprimento de água. Neles encontramos água fresca por todo o percurso. Há rios, regatos, fontes e lagunas calmas nas depressões mais profundas.

Durante os meses de verão, as longas caminhadas podem ser cansativas e quentes. Os rebanhos experimentam sede intensa. Como se alegram pelos freqüentes bebedouros encontrados ao longo da rota pelo vale, nos quais podem dessedentar-se!

Lembro-me de certa ocasião em que um enorme rebanho de mais de dez mil cabeças estava sendo conduzido pela nossa região em direção à pastagem de verão. Os responsáveis vieram pedir permissão para que as ovelhas abeberassem no rio que passava pela nossa propriedade. Aqueles animais sedentos virtualmente correram para a água a fim de mitigar a sede ardente, sob o sol inclemente. Somente em nosso vale havia água para seu organismo ressecado. Como ficamos contentes em partilhar com eles de nossa água.

Como crentes, descobriremos, mais cedo ou mais tarde, que é nos vales da vida que encontramos o refrigério proveniente de Deus. Somente depois que caminhamos com ele através dos profundos vales das dificuldades, aprendemos que ele pode levar-nos a encontrar refrigério nele bem em meio às tribulações. E ficamos sem palavras, dominados pela emoção, quando recebemos seu consolo e restauração de alma e espírito, através de seu precioso Espírito Santo.

Durante os anos da enfermidade de minha esposa, e depois de sua morte, espantava-me a energia, o conforto e a serenidade de espírito de que eu desfrutava, a cada hora, pela presença do Espírito de Deus.

Era como se estivesse continuamente revigorado e restaurado, apesar de as circunstâncias ao redor serem as mais desesperadoras. Quem não passou por uma experiência assim achará quase impossível acreditar. Na verdade, existem pessoas que se dizem incapazes de enfrentar uma situação destas. Mas para aquele que atravessa estes vales na companhia de Deus, existe realmente um grande refrigério.

O corolário lógico disso é que somente aqueles que já passaram por vales escuros sabem consolar, confortar ou encorajar outros que se encontrem em idênticas condições. Muitas vezes, oramos ou entoamos hinos pedindo a Deus que nos torne uma inspiração para outros. Queremos instintivamente ser um vaso de bênçãos para outras vidas. Mas a verdade é que assim como a água só pode jorrar para dentro de um rego, canal ou vale, assim também, na vida cristã, a vida de Deus só pode fluir em bênçãos através de vales que tenham sido abertos e cavados em nossa vida, pelas experiências mais difíceis.

Por exemplo: a única pessoa que pode verdadeiramente consolar bem a outra pessoa desesperada é aquela que já sofreu a perda de um ente querido. Quem melhor para ajudar ao coração magoado do que aquele que conhece o que seja a mágoa do coração?

A maioria das pessoas não quer saber de vales em sua vida. Nós nos esquivamos deles com um forte senso de pavor ou pressentimento. Contudo, a despeito de nossas noções erradas, Deus pode tirar destes vales grandes benefícios e bênçãos duradouras para outros. Tentemos não evitar

as experiências sombrias, nem os dias escuros. Eles podem vir a tornar-se um caminho que nos conduzirá a grandes refrigérios para nós mesmos e para aqueles que nos cercam.

A terceira razão pela qual o criador prefere levar o rebanho para a montanha, passando pelo vale, é que, geralmente, ali se encontram, ao longo da rota, as mais ricas fontes de alimento e a melhor forragem.

O rebanho é conduzido suavemente — e não tangido apressadamente. No meio deles há cordeirinhos que nunca seguiram por aquele caminho antes. O pastor quer ter a certeza de que encontrará não somente água, mas também a melhor pastagem para as fêmeas e suas crias. Em geral, a melhor relva dos vales encontra-se nos barrancos que margeiam os regatos. Ali as ovelhas se alimentam enquanto marcham em direção ao topo do monte.

Naturalmente, essa relva, muitas vezes, está no fundo de íngremes canyons e gargantas. É possível que haja também penhascos elevados de um e outro lado. O fundo do vale pode estar envolto em escuridão, pois o sol raramente bate ali, a não ser por algumas horas, no meio do dia.

O pastor sabe, de experiências anteriores, que predadores como coiotes, ursos, lobos e onças escondem-se nestes penhascos, e desse ponto de observação espreitam o rebanho. Sabe que esses vales profundos estão sujeitos a tempestades súbitas e inundações bruscas, que arrojам montanhas de água turbulenta colina abaixo. Podem ocorrer também avalanches de pedras ou deslizamentos de barrancos ou de neve, e vários outros desastres naturais, que poderiam destruir ou ferir o rebanho. Mas apesar desses percalços, ele sabe também que, ainda assim, esse ainda é o melhor caminho para conduzir o gado ao monte. Ele não se poupa dores ou dificuldades para manter os olhos bem atentos ao perigo que possa sobrevir-lhes.

Uma das mais terríveis ameaças são as tempestades súbitas, geladas chuvas de granizo misturado com neve que podem varrer o vale, proveniente dos picos elevados. Se as ovelhas ficarem longo tempo molhadas, expostas à chuva fria, podem morrer em tempo relativamente curto. Os carneiros são animais de pele fina, muito susceptíveis a resfriados, pneumonia e outras complicações respiratórias.

Lembro-me de uma tempestade que tivemos que enfrentar certa vez, no início do verão, ao sopé dos montes Rochosos. A manhã fora clara e brilhante. Subitamente, pelo meio-dia, enormes nuvens escuras, negras, ameaçadoras, começaram a juntar-se no topo das colinas, vindas do norte. Um vento gelado acompanhava a aproximação da tempestade. O céu ficava mais escuro a cada momento. De repente, no meio da tarde, a chuva começou a cair em longas fieiras de água e granizo, varrendo todo o vale. Corri a abrigar-me num grupo de mirrados pinheiros, batidos pelo vento. Fiquei ensopado até os ossos. E a chuva, ao cair, refrescou toda a região. Depois, mudou para saraiva, e depois para uma mistura de neve e granizo. Em pouco tempo, toda a encosta da montanha estava coberta de neve e água congelada (em pleno verão!). O lugar estava envolto em trevas sombrias. As ovelhas pressentiram a chegada da tormenta. E é possível que todo o rebanho tivesse perecido se não o tivéssemos levado a procurar abrigo junto aos altos penhascos na beirada do canyon.

Mas era nestes vales que a relva crescia melhor, nessa rota para o planalto.

Nosso Pai sabe tudo isso, quando nos conduz através dos vales em sua companhia. Sabe onde podemos encontrar energias e sustento, e boa relva, a despeito de todas as ameaças de perigos que nos cercam.

Para o filho de Deus, constitui uma experiência das mais reconfortantes e revigorantes descobrir que, mesmo no mais escuro dos vales, temos em Deus uma fonte de força e coragem. Quando olha para trás e vê como a mão do Pastor o guiou e susteve nas horas mais escuras, sua fé é renovada e fortalecida.

Não conheço nada que estimule mais a minha fé no Pai celestial, que olhar o passado e meditar acerca de sua fidelidade para comigo em cada crise e em cada circunstância terrível da

vida. Várias e várias vezes, percebi claramente a orientação do bom Pastor através de vales escuros e profundos.

Tudo isso multiplica grandemente minha confiança em Cristo. E é este contato espiritual, bem como mental e emocional com as tempestades e adversidades da vida, que me torna resistente. Como ele me guiou em segurança, sem temores, anteriormente, pode guiarme outras vezes. Com essa certeza, o temor se desfaz e surge uma grande tranquilidade de coração e mente.

Venha o que vier, tempestades podem rebentar ao meu lado, predadores podem atacar, os rios dos revezes podem ameaçar inundar-me. Mas, como ele está comigo, dentro da situação não temerei nada.

Viver assim é fazer longas caminhadas em direção aos lugares elevados de uma vida santa, calma e saudável com Deus.

Somente o cristão que aprende a viver deste modo consegue encorajar e inspirar os mais fracos que o rodeiam. Muitos de nós estão abatidos, temerosos, assustados pelas tempestades da vida. Afirmamos ter confiança em Cristo, mas quando as primeiras sombras nos sobrevêm e o caminho que trilhamos parece escuro, caímos no profundo pântano do desespero. As vezes, sentimos vontade apenas de deitar e morrer. Mas não deveria ser assim.

A pessoa que tem uma forte confiança em Cristo, que caminha pelos vales escuros da vida com a cabeça erguida; que já aprendeu por experiência própria que Deus está conosco em meio às adversidades, é aquele que por sua vez será também uma torre forte e uma fonte de inspiração para o seu próximo.

Haverá alguns vales na vida de todos nós. O Bom Pastor advertiu-nos de que "No mundo passais por aflições; mas tende bom ânimo, eu venci o mundo." (Jo 16.33.)

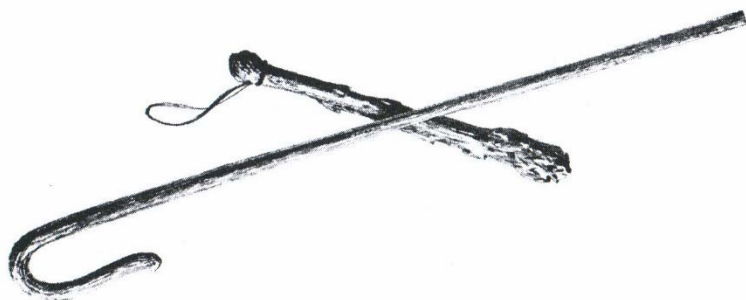
A questão principal não é se encontramos muitos ou poucos vales. Não é, tampouco, se estes vales são escuros ou apenas obscurecidos pelas sombras. A questão é: como reajo a eles? Como os atravesso? Como faço frente às calamidades que encontro em meu caminho?

Com Cristo, eu as enfrento tranquilamente.

Com seu precioso Espírito para guiar-me, eu as encaro destemidamente.

Sei com certeza que somente passando pelos vales posso viajar para aqueles altos retiros com Deus. Deste modo, não somente serei abençoado, mas me tornarei uma bênção para os outros que me cercam e talvez estejam vivendo em temor.

8



A tua vara e o teu cajado me consolam

Quando o pastor se encontra no campo com o rebanho, nas pastagens das montanhas, costuma carregar o mínimo de equipamento possível. Isto acontecia ainda mais nos velhos tempos, quando os criadores não dispunham dos benefícios da mecanização para transportar os acessórios de acampamento através de terrenos acidentados. Mesmo hoje, as cabanas onde o pastor passa seus verões solitários com as ovelhas são equipadas com o mínimo necessário de objetos essenciais.

Mas nas horas em que sai para o pasto, carrega consigo apenas uma espingarda pendurada ao ombro, e um cajado longo na mão. Há também um pequeno bornal, onde leva seu lanche, uma garrafa de água e talvez alguns remédios para prestar os primeiros socorros a suas ovelhas.

No Oriente Médio, o pastor carrega apenas uma vara e um cajado. Algumas de minhas mais vividas recordações da infância são de ovelheiros africanos, pastoreando seu rebanho apenas com uma esguia vara e um grosso porrete nas mãos. Estes constituem o equipamento universal do pastor primitivo.

Cada pastorzinho, desde a primeira vez em que começa a cuidar do rebanho do pai, tem um orgulho todo especial em escolher a vara e o cajado adequados ao seu tamanho e força. Ele vai ao mato, escolhe o arbusto que lhe convém e arranca-o do solo. Este é aparado e limpado à faca, com grande cuidado e paciência. A parte mais larga da base — onde o tronco se liga à raiz — é arredondada e alisada, formando a cabeça do bastão. Após terminar de prepará-lo, o pastorzinho passa horas a fio adestrando-se no manejo desta clava, aprendendo a atirá-la com notável rapidez e precisão. Ela se torna sua principal arma de defesa, tanto para si como para as ovelhas.

Eu costumava observar os rapazes africanos realizando competições, a fim de ver quem atirava sua vara com mais destreza e precisão, o mais distante possível. Era emocionante observar a funcionalidade excepcional daqueles bastões nas mãos de pastores habilidosos. A vara era, na verdade, uma extensão do braço direito do pastor. Constituía um símbolo de sua força, poder e autoridade, numa situação difícil. A vara era a arma em que ele confiava para a segurança sua e do rebanho. Era, ademais, o instrumento a que recorria para disciplinar e corrigir ovelhas rebeldes que insistiam em afastar-se do grupo.

Existe um interessante paralelo na palavra "vara", que penetrou na linguagem coloquial do Oeste dos Estados Unidos. Ali o termo "rod" (vara) teve seu significado ampliado para significar arma de fogo manual, como pistolas e revólveres, das que eram usadas pelos cowboys, e outros habitantes da região. A conotação é exatamente a mesma empregada neste salmo.

A ovelha declara que a vara do pastor, sua arma de poder, autoridade e defesa, é uma contínua fonte de conforto para ela. Pois com a vara, o criador pode executar um controle eficiente do rebanho, em qualquer situação.

Devemos lembrar que, quando Deus chamou Moisés, o pastor do deserto, e mandou-o libertar Israel do Egito, de sob o jugo de Faraó, seria sua vara que iria demonstrar a autoridade de que se achava investido. Era sempre através da vara de Moisés que os milagres se manifestavam, não somente para convencer Faraó do caráter divino da missão de Moisés, mas também para reassegurar o povo de Israel desta verdade.

A vara simbolizava, portanto, a Palavra falada, a intenção expressa da atividade da mente e vontade divinas em seu trato com os homens. Significava a autoridade de Deus. Ela carrega consigo o poder convincente e o impacto irrefutável da expressão: Assim diz o Senhor.

Assim como para as ovelhas dos dias de Davi havia consolo em ver a vara nas mãos habilidosas do pastor, assim também, em nossos dias, há grande sensação de segurança em nosso coração quando contemplamos o poder, a veracidade e a poderosa autoridade da Palavra de Deus. Pois, na verdade, as Escrituras são a sua vara. Constituem a extensão de sua mente e vontade, a expressão de suas intenções para com o homem mortal.

Vivendo como vivemos, numa época em que inúmeras vozes confusas e filosofias estranhas se fazem ouvir aos homens, é reconfortante para o filho de Deus voltar-se para a Palavra do Senhor e saber que ela é a mão de autoridade do seu Pastor. Que conforto é dispor deste instrumento poderoso, claro e legítimo, pelo qual podemos conduzir-nos! Por meio dele nos mantemos livres de confusões mesmo em meio ao caos. Esse fato em si confere à nossa vida um grande senso de calma e serenidade, que é exatamente o que o salmista desejou expressar quando falou: "...tua vara... me consola(m)."

Mas existe uma segunda dimensão na qual a vara é utilizada pelo pastor para promover o bem-estar do rebanho — a da disciplina. Seu bastão é usado mais para esse fim que para qualquer outro.

Eu nunca cessava de admirar as inúmeras vezes e a precisão com que os pastores africanos arremessavam o bastão sobre algum animal rebelde, que se desviava. Se via uma ovelha afastar-se, seguindo seu próprio caminho, aproximando-se de ervas venenosas, ou chegando perto de algum perigo, a clava iria voando pelo ar a fim de mandar o animal extraviado apressadamente de volta ao grupo.

Já se tem dito acerca da Palavra de Deus: "Este livro nos afastará do pecado." É a Palavra de Deus que chega prontamente ao nosso coração, que nos ocorre com uma rapidez surpreendente, para corrigir-nos, reprová-los, quando nos desviamos. É o Espírito Santo do Deus vivo, aplicando a Palavra viva ao coração que convence nossa consciência da conduta certa. Deste modo, somos mantidos, por Cristo, sob controle, pois ele deseja que andemos nos caminhos da justiça.

Outro interessante aspecto da utilização da vara pelo pastor era examinar e contar as ovelhas. Na terminologia do Velho Testamento isso era descrito como "passar sob a vara" (Ez 20.37). Esse ato significava não somente estar sob o controle da autoridade do criador, mas também submeter-se a um exame minucioso e detalhado por parte dele. A ovelha que passava sob a vara havia sido contada e examinada com cuidado, para que se certificasse de que estava bem.

Devido à sua lã abundante, nem sempre é fácil detetar doenças, ferimentos ou lesões nas ovelhas. Por exemplo, numa exposição de ovinos, um animal de condições inferiores pode passar por um perfeito e-xemplar, se lhe apararem a lã de certo modo. Mas o juiz experimentado tomará de uma vara, e abrirá o pêlo da ovelha para verificar as condições de sua pele, grau de limpeza da lã e a conformação do corpo. Em linguagem simples, ninguém poderá "passar-lhe a perna".

O bom pastor, o criador responsável, de tempo em tempo, realizará um atento exame de cada animal. Este quadro é muito significativo para mim. A medida que cada uma deixa o aprisco e passa

pelo portão, é detida pela vara estendida do pastor. Ele abre o pelo com a vara, corre os dedos por todo o corpo do animal à procura de sinais de irregularidade; examina a ovelha com cuidado para ver se está tudo bem. Este exame é bem profundo, envolvendo cada detalhe de interesse da ovelha. Ele é de grande conforto para o animal, pois somente deste modo seus problemas ocultos podem ser expostos perante o pastor.

É isto que o salmista quis dizer no Salmo 139.23,24: "Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração: prova-me e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau, e guia-me pelo caminho eterno."

Se permitirmos que Deus faça isso, se nos submetermos a ele, o Senhor nos examinará. Não haverá meios de "passar-lhe a perna". Ele examinará abaixo da superfície, olhará atrás da máscara de nossa velha vida egoísta, e revelará detalhes que precisarão ser acertados.

É um processo do qual não precisamos nos esquivar. É algo de que não devemos fugir. É realizado com interesse e compaixão pelo nosso bem-estar. O Grande Pastor de nossas almas, ao fazer este exame, tem em vista o nosso interesse. Que conforto isto deve ser para o filho de Deus, que pode confiar nos cuidados dele!

Nas Escrituras, a lã simboliza o ego, a vontade própria, autoafirmação e orgulho. Deus precisará atravessar tudo isso, e operar profundamente em nossa vontade, para acertar os erros que se encontram abaixo da superfície e muitas vezes nos incomodam tanto. Geralmente, exibimos uma fachada de bondade e coragem, um exterior perfeito, quando, bem no fundo, existem problemas sérios exigindo medidas curativas.

Por último, a vara do pastor é um instrumento de proteção tanto para ele mesmo como para as ovelhas, quando se encontram em perigo. É usada como arma de defesa e prevenção contra qualquer ameaça que o rebanho possa enfrentar.

O pastor experimentado usa a vara para afastar predadores como coiotes, lobos, onças ou cães vadios. Muitas vezes ele a usa para bater no mato e espantar cobras e outros animaizinhos que por acaso venham perturbar o rebanho. Em casos extremos, como Davi relatou a Saul, o pastor sem dúvida usava a vara para atacar leões e ursos, que vinham investir contra o rebanho.

Certa vez, quando me encontrava no Quênia fotografando elefantes, eu me fazia acompanhar de um jovem pastor nativo, que carregava consigo uma clava. Chegamos ao topo de uma colina de onde avistamos uma manada de elefantes, na matinha, embaixo. Desejando obrigá-los a sair para a campina, resolvemos deslocar uma pedra grande e fazê-la rolar encosta abaixo. Logo que erguemos a pedra e a empurramos, uma cobra que estivera enrodilhada debaixo dela, preparou o bote contra nós. Numa fração de segundo, o pastorzinho alerta brandiu seu cacete e matou o réptil imediatamente. A arma nunca deixará sua mão, nem mesmo nos instantes em que empurrávamos a pedra.

"Tua vara... me consola." Naquele instante entendi o significado desta frase sob um novo prisma. Foi o fato de a vara estar constantemente nas mãos do pastor que nos salvou naquele dia.

Foi a vara da Palavra de Deus que Cristo, o Bom Pastor, brandiu ao encontrar-se com aquela serpente, Satanás, durante a tentação no deserto. E é com esta mesma palavra que podemos contar, sempre e sempre, para deter os assaltos e ataques do inimigo. E não importa que o disfarce por ele assumido seja o de uma serpente sutil ou de um leão rugidor que deseja destruir-nos.

Não há substitutos para as Escrituras na hora de enfrentar as complexidades de nossa ordem social. Vivemos num meio difícil e complexo. Somos parte de um mundo cujo código de conduta é contrário a tudo que Cristo defendeu. Viver no meio de tal gente significa estar exposto a tentações de toda sorte. Algumas pessoas são muito sutis, matreiras e sofisticadas, enquanto outras são capazes de ataques diretos e violentos contra os filhos de Deus.

Em cada situação e sob quaisquer circunstâncias, existe consolo em sabermos que a Palavra de Deus pode dominar e vencer qualquer dificuldade, se apenas confiarmos nela.

Iremos agora considerar o cajado do pastor. Num certo sentido, o cajado é o instrumento do ovelheiro, dentre suas inúmeras peças de equipamento, que o identifica como tal. Ninguém, em nenhuma outra profissão, carrega um cajado de pastor. É um instrumento usado unicamente para cuidar de ovelhas — e somente ovelhas. Não serve para gado bovino, cavalos ou cães. Seu desenho e formato são designados especialmente para o trato com ovinos. E é usado apenas para o benefício deles.

O cajado é, essencialmente, um símbolo do interesse e da compaixão que o pastor tem por seu rebanho. Nenhuma outra palavra descreve melhor seu trabalho em favor do rebanho do que consolo.

Enquanto a vara comunica o conceito de autoridade, poder, disciplina e defesa contra o perigo, a palavra "cajado" fala de tudo que é magnânimo e bom.

O cajado do pastor, normalmente, é uma vara longa e fina, tendo uma das pontas recurvadas formando um gancho. Geralmente o criador toma bastante cuidado na escolha de seu cajado; procura um cuja forma e corte melhor se adaptem ao seu uso pessoal.

Uma das lembranças mais comoventes que conservo comigo da África e Oriente Médio é a de ver pastores idosos, já no crepúsculo da existência, de pé, ao pôr do sol, apoiados em seu cajado, observando os rebanhos com ar de satisfação. Por alguma razão, o cajado confere um conforto todo especial ao próprio pastor. Durante as jornadas mais difíceis e nas longas horas da vigia das ovelhas, ele se apoia no cajado para recuperar as forças. Esse instrumento torna-se um precioso fator de consolo e auxílio para ele no cumprimento de suas responsabilidades.

Assim como a vara de Deus simboliza sua Palavra, assim também o cajado simboliza o Espírito Santo. Cristo, em seu trato conosco como indivíduos, revela a doçura, o consolo e a correção mansa levada a efeito pela operação de seu Espírito.

O cajado tem três funções importantes. A primeira é trazer as ovelhas para um contato mais íntimo com o pastor. Ele usa o cajado para erguer um cordeirinho recém-nascido e reconduzi-lo à mãe, se por acaso se separam. Age assim para evitar que a fêmea, sentindo na cria o cheiro das mãos dele, venha a rejeitar o cordeirinho. Já tive ocasião de ver pastores habilidosos manejando o cajado rapidamente entre milhares de fêmeas que davam cria ao mesmo tempo. Com movimentos rápidos, mas gentis, ele elevava o cordeirinho com o cajado e o colocava ao lado da mãe. É uma cena tocante que pode manter um espectador admirando-a horas e horas.

Mas, do mesmo modo, o cajado é utilizado pelo pastor para pegar ovelhas, velhas ou jovens, e trazê-las para junto de si, a fim de fazer um exame mais detalhado. O cajado é muito útil, deste modo, para as ovelhas tímidas e temerosas que normalmente tendem a manter certa distância do pastor.

Semelhantemente, na vida cristã, encontramos o maravilhoso Espírito Santo, o Consolador, aproximando as pessoas para uma comunhão mais calorosa e pessoal umas com as outras. Ele nos aproxima de Cristo, também, pois, como lemos no livro de Apocalipse: "O Espírito e a noiva dizem: Vem."

O cajado também é utilizado para dirigir as ovelhas. Várias e várias vezes vi pastores manejando o cajado para guiar as ovelhas mansamente em direção a um novo trilho, ou para atravessar um portão ou ao longo de estradas difíceis e perigosas. Ele não o utiliza para espancar o animal. Em vez disso, encosta a ponta da longa vara no flanco do animal, e, com uma leve pressão, guia as ovelhas ao caminho que deseja. Desse modo, o animal aprende o caminho certo.

As vezes, eu ficava fascinado de ver o pastor apoiar o cajado sobre o dorso de um animal de que gostava, simplesmente para manter-se em contato com ele. E assim caminhavam bom trecho da estrada, quase como se estivessem "de mãos dadas". Obviamente, a ovelha apreciava esta atenção especial do pastor, e se deleitava nesse contato achegado, íntimo e pessoal entre ela e o pastor. Ser tratado dessa forma especial pelo seu criador é conhecer o consolo numa dimensão mais profunda. É um quadro maravilhoso e comovedor. O próprio Cristo nos diz que, em nosso

caminhar com Deus, o Espírito Santo seria enviado a fim de guiar-nos e conduzir-nos a toda a verdade (Jo 16.13). Este mesmo Espírito toma a verdade de Deus, a Palavra de Deus, tornando-a clara para nosso coração e mente, e para nosso entendimento espiritual. É ele que mansa e ternamente, mas com persistência, nos diz: "Este é o caminho — andai por ele." E, à medida que nos submetemos e obedecemos a seus suaves impulsos, somos envolvidos por um maravilhoso senso de segurança, conforto e bem-estar.

É ele também que vem a nós, mansa mas firmemente, para tornar a vida de Cristo, meu Bom Pastor, um fator real, pessoal e íntimo para mim. Através de sua operação, entro em "contato" com Cristo. É então que me sobrevém a certeza plena de que pertencço a ele e de que ele é meu. O Espírito continuamente me comunica a certeza de que sou filho de Deus, e de que ele é meu Pai. Em tudo isso, há um enorme conforto e um sublime sentimento de unidade, de associação com ele, de "estar sob os cuidados dele", e, por conseguinte, a noção de que sou objeto de sua afeição especial.

A vida cristã não consiste apenas em aceitar certas doutrinas ou de crer em certos fatos. Embora a confiança plena nas Escrituras seja um fator essencial dela, existe também a realidade da experiência e conhecimento pessoal de seu toque, de seu Espírito sobre o meu. Existe, para o verdadeiro filho de Deus, aquela experiência íntima e sutil, mas ao mesmo tempo magnificante, de saber que o Consolador está ao seu lado. Isso não é produto da imaginação — é a realidade genuína da experiência diária. O conhecimento de que ele está ali para orientar até os mínimos detalhes do viver diário produz um estado de calma e tranquilidade. Podemos confiar nele para assistir-nos em todas as decisões, e há, neste pensamento, enorme conforto para o cristão.

Várias e várias vezes tenho me voltado para ele em voz audível e em linguagem franca, pedindo sua opinião na solução de um problema. Eu lhe pergunto: "O que tu farias nesse caso?" Ou então digo: "Tu estás aqui agora. Conheces todas as dificuldades; dize-me, qual é exatamente a melhor forma de agir nesta questão?" E o mais emocionante é que ele atende. Ele transmite para a minha mente a opinião de Cristo acerca do problema em foco. E, então, tomo as decisões acertadas com toda confiança.

Quando não ajo assim, termino envolvido em dificuldades. É então que me encontro a braços com sérios problemas. E, novamente, o maravilhoso Espírito Santo de Deus vem em meu socorro, assim como o pastor socorre a ovelha nas situações em que ela se coloca, por sua própria insensatez.

Sendo criaturas teimosas, as ovelhas muitas vezes se encontram em dificuldades ridículas e absurdas. Já vi ovelhas minhas, ávidas por um bocado a mais de relva, subirem por penhascos íngremes, de onde escorregavam e caíam ao mar. Somente meu longo cajado de pastor podia erguê-las da água e recolocá-las em terreno sólido novamente. Certa vez, no inverno, passei várias horas tentando resgatar uma fêmea que já havia feito isso diversas vezes. Sua teimosia foi a sua destruição.

Outra ocorrência comum era encontrar ovelhas agarradas em arbustos de roseiras bravas ou espinheiros, aonde tinham entrado à procura de um bocado a mais de relva. Mas os espinhos haviam se agarrado de tal maneira à lã, que elas não conseguiam libertar-se, embora tentassem puxar-se com força. Somente com o emprego do cajado eu poderia libertá-las do emaranhado em que haviam se metido.

Assim também somos muitos de nós. Muitos dos problemas e dificuldades que enfrentamos são produto de nossos próprios erros. Num gesto de autoafirmação, numa atitude teimosa e voluntariosa, ficamos a envolver-nos em situações difíceis, das quais não conseguimos safar-nos. Então, o Pastor vem até nós, com ternura, compaixão e amor. Aproxima-se, e, com ternura, ergue-nos pelo seu Espírito Santo e nos tira daquele problema. Que paciência Deus tem conosco! Como é longânimo e compassivo! Que perdão o seu!

Teu cajado me consola! Teu Espírito, ó Cristo, é meu consolo!



Preparas-me uma mesa...

Enquanto consideramos esta afirmação, será bom ter sempre em mente que as ovelhas agora estão-se dirigindo para as regiões altas das montanhas, para as pastagens de verão. Tais regiões são conhecidas como "platôs", e são muito procuradas pelos criadores de ovelhas.

Em algumas das melhores regiões do mundo, principalmente no Oeste dos Estados Unidos e sul da Europa, estes platôs são chamados de "mesas" — vocábulo derivado da palavra espanhola de igual significado em português.

É interessante notar que a palavra do dialeto Kiswahili (da África) para designar "mesa" também é mesa. Provavelmente, a origem deste uso se deva aos primeiros exploradores portugueses que aportaram na costa oriental africana. E, na verdade, o uso desta palavra para designar planaltos bem elevados não é incomum nesse continente. O exemplo clássico é o

Monte Mesa, perto da cidade do Cabo, mundialmente conhecido.

Portanto, é possível que o que Davi chamou de "mesa" tenha sido todo um território de pastagens. Embora tais "mesas" sejam por vezes bem distantes e de difícil acesso, o criador enérgico e empreendedor não poupa tempo nem esforços para prepará-las para a chegada do rebanho.

Logo no início do verão, antes mesmo que a neve tenha se derretido completamente, ele vai até lá e faz suas rondas preliminares, por todo este território selvagem e escabroso. Examina-o com cuidado, mantendo sempre em mente o melhor aproveitamento possível para o rebanho, durante a estação que se aproxima.

Depois, pouco antes do dia em que as ovelhas devem chegar, ele faz uma ou duas viagens até lá a fim de preparar a "mesa" para elas. Leva consigo bom suprimento de sais e minerais que espalhará em pontos estratégicos do planalto, para o benefício das ovelhas durante o verão. O criador inteligente e cuidadoso também escolherá com antecedência o lugar onde construirá acampamento para que as ovelhas tenham a melhor pastagem possível. Ele caminha pelo pasto examinando-o detidamente para verificar se a relva e a vegetação do lugar são nutritivas. Nesta ocasião, resolve quais as baixadas e clareiras em que os animais poderão pastar mais, e quais as encostas e campinas em que poderão demorar-se mais.

Verifica também se há ervas venenosas brotando por ali, e caso haja, ele fará o planejamento da pastagem de forma a evitá-las, ou então tomará providências para arrancá-las.

Sem que eu soubesse, a primeira fazenda que possuí tinha um terreno abundante em dois tipos de certa erva venenosa. Uma delas constituía um maravilhoso espetáculo quando floria na primavera, ao longo da orla marítima. A outra, embora tivesse uma flor não tão bonita, era bastante

atraente, mas significava um perigo mortal para as ovelhas. Se os cordeiros, e principalmente eles, comessem ou apenas mordissem algumas de suas folhas, logo que brotavam na primavera, isto significaria morte certa. Ficavam paralisados, duros como blocos de madeira e sucumbiam ao veneno das plantas.

Eu e meus filhos passávamos dias e dias caminhando pelo pasto para arrancar estas plantas venenosas. Era uma tarefa que repetíamos todos os anos, na primavera, antes que as ovelhas fossem para aqueles pastos. Embora fosse um serviço tedioso e cansativo, pois tínhamos que flexionar tantas vezes o tronco, era o que se poderia chamar de "preparar a mesa na presença dos inimigos". E se eu quisesse que as ovelhas sobrevivessem, tinha que fazê-lo.

Um interessante incidente relacionado com isso foi que tive a idéia de inventar histórias de animais para ocupar a mente dos meninos enquanto trabalhávamos naquela tarefa durante horas seguidas, muitas vezes, até de joelhos. Ficavam tão envolvidos por minhas fantasias de ursos, guaxinins e cangambás, que as horas passavam rapidamente. Por vezes, os dois rolavam na grama de tanto rir, quando eu acrescentava gestos à narrativa, para torná-la mais realística. Era uma forma agradável de nos desincumbirmos de um serviço que, de outro modo, seria terrivelmente rotineiro.

Tudo isso estava na mente de Davi quando escrevia estas linhas. Eu o imagino andando lentamente pelas pastagens de verão à frente do rebanho. Seu olho prático está treinado para detectar quaisquer sinais de ervas venenosas, que ele arranca antes que as ovelhas cheguem até elas. E, sem dúvida, ele encontrava muitas vezes dessas ervas para arrancar, visando à segurança de seu rebanho.

O paralelo disso na vida cristã é bem claro. Como as ovelhas, principalmente os cordeiros, às vezes, sentimos que precisamos experimentar de tudo que nos aparece. Queremos experimentar isso e aquilo, provando tudo, só para ver como é. E é possível que saibamos que muitas dessas coisas são venenosas. Não nos farão nenhum bem. São terrivelmente destrutivas. Mas, por alguma razão, nós as mordiscamos assim mesmo.

Para impedir que tenhamos problemas deste tipo, precisamos lembrar-nos de que o Mestre já passou por ali antes de nós, enfrentando cada situação que nos teria destruído.

Um clássico exemplo disso foi o incidente em que Jesus advertiu a Pedro de que Satanás desejava tentá-lo e cirandá-lo como ao trigo. Mas Cristo disse-lhe que orara para que sua fé não falhasse durante o momento de desespero que iria atravessar. E o mesmo se dá hoje. O Grande Pastor vai à frente de nós em toda e qualquer situação, prevendo os perigos que talvez encontremos e orando para que não sucumbamos.

Outra tarefa que o cuidadoso pastor realiza durante o verão é manter uma vigilância constante por causa dos animais de rapina. Ele procura sinais de lobos, coiotes, onças e ursos. Se esses animais atacam ou importunam o rebanho, ele sai à caça deles, ou então esforça-se ao máximo para apanhá-los em armadilhas, a fim de que o rebanho descanse em paz.

Muitas vezes acontece que estes animais ardilosos se postam na beira de um penhasco observando cada movimento das ovelhas, esperando a chance de um ataque súbito, que provocará o estouro do rebanho. Então um ou outro carneiro fatalmente se torna presa fácil dos dentes e garras do atacante.

Esse quadro é cheio de drama, ação e suspense — e talvez até de morte. Somente a atenção do pastor que vigia o rebanho no planalto, com visão plena de seus inimigos, pode evitar que elas caiam vítimas de seus ataques. Somente a preparação para esta eventualidade pode salvar as ovelhas do morticínio, às garras dos predadores, ou do estouro.

E aqui também temos uma figura sublime de nosso Salvador que conhece cada ardil, cada truque, cada traição de nosso inimigo e suas hostes. Estamos sempre em perigo de ataque. As Escrituras o descrevem como "um leão" andando ao redor, buscando a quem possa tragar.

Hoje em dia, está em moda, em alguns círculos cristãos, desacreditar-se de Satanás. Existe uma tendência para menosprezá-lo ou zombar dele, como se fosse uma piada. Alguns chegam até

a negar que possa existir um ser como Satanás. Contudo, vemos evidências de seus implacáveis ataques e destruição numa sociedade onde os homens são presa fácil de suas táticas ardilosas quase todos os dias. Vemos vidas esfaceladas, marcadas e feridas por seus ataques, embora nunca o vejamos pessoalmente.

Isto me recorda os problemas que tive com as onças. Em várias ocasiões, essas criaturas matreiras atacavam o rebanho à noite, causando enorme confusão entre as ovelhas. Matavam algumas delas imediatamente e comiam-lhes o fígado. As outras, elas a-briam e arranhavam muito. Nesse caso, parecia que o felino havia corrido atrás do animal como um gato brinca com um rato. De outras, arrancavam grandes punhados de lã. Durante o estouro, algumas tropeçavam, quebravam ossos, ou iam de encontro a terreno acidentado ferindo-se nas patas ou no corpo.

Contudo, apesar dos danos, dos animais mortos, a despeito dos ferimentos e do medo que aterrorizava o rebanho, nunca vi uma só onça em meu pasto. Seus ataques eram tão astuciosos, tão matreiros, que desafiavam o poder de descrição.

Durante todo o tempo, será sensato de nossa parte andarmos perto de Cristo. Esse é o lugar mais seguro que existe. Eram sempre as ovelhas mais distantes, as errantes, as extraviadas que se tornavam presa dos predadores em momentos inesperados. Geralmente, antes mesmo que o pastor seja alertado pelo grito de socorro das ovelhas, os atacantes já se foram. Algumas, naturalmente, ficam totalmente mudas pelo pavor, na hora do ataque; não soltam nem mesmo um balido queixoso, enquanto seu sangue se esvai.

O mesmo aplica-se aos cristãos. Muitos de nós envolvem-se em sérias dificuldades, acima de suas forças; ficam mudos de apreensão, incapazes de clamar ou gritar por socorro; simplesmente desfalecem ante o ataque do adversário.

Mas Cristo está por demais interessado em nós para permitir que isso aconteça. Nosso Pastor quer prevenir tal calamidade. Quer que nossa temporada de verão seja tranquila. Ele quer que estes períodos passados no monte sejam interlúdios de paz. E serão, se tivermos o bom-senso de nos mantermos junto dele, para que ele possa proteger-nos. Leia sua Palavra diariamente. Passe algum tempo em conversa com ele. Devemos dar-lhe ensejo de falar-nos através de seu Espírito, enquanto contemplamos sua vida e obra por nós, como nosso Pastor.

Existe outra tarefa de que se incumbe o ovelheiro na "mesa". Ele limpa os poços, fontes e bebedouros para seu rebanho. Tem que retirar os restos de folhas, gravetos, pedras e terra que possam ter caído na água durante o outono e inverno. Talvez precise consertar os pequenos diques que fez para represar a água. Reabre as fontes que talvez estejam cobertas de plantas, relvas e arbustos. Tudo isso é trabalho dele, parte da preparação da mesa para as ovelhas no verão.

O paralelo deste quadro na vida cristã é que Cristo, o Bom Pastor, já esteve em cada uma destas situações e dificuldades que possamos encontrar. A Bíblia nos diz claramente que ele foi tentado em todos os pontos como nós somos. Sabemos que ele participou plena e completamente da vida humana nesse planeta, e conheceu intimamente cada detalhe dela. Conheceu os sofrimentos, experimentou nossas tristezas e enfrentou lutas nesta vida. Foi um varão de dores e que sabia o que era padecer.

Por causa disso, ele nos compreende; identificou-se plenamente com a humanidade. Ele tem muito amor e compaixão por nós, um amor que se acha acima de nossa compreensão. Não admira que nos forneça todos os meios possíveis para garantir que, quando tivermos que enfrentar Satanás, o pecado ou o ego, a luta não seja unilateral. Ao contrário, podemos estar certos de que ele já esteve na mesma situação antes e agora está nela conosco. Por causa disso, nossas perspectivas de preservação são excelentes.

É nessa atitude de descansar nele, de confiar em seu amor, de nos tranquilizarmos ao perceber sua presença em cena, que torna a vida cristã uma existência de calma e tranquila confiança. O caminho cristão pode tornar-se uma experiência suprema — uma viagem ao "planalto" — simplesmente porque estamos sob os cuidados e controle de Cristo, que já passou por todo este

território antes de nós, e preparou-nos uma "mesa" bem à vista de nossos inimigos, que gostariam de destruir-nos e humilhar-nos, se pudessem.

É muito animador saber que assim como em qualquer aspecto de nossa vida há luzes e sombras, assim também na vida cristã existem vales e montanhas. Muitas pessoas pensam que depois que se tornam crentes, automaticamente sua vida se torna um glorioso jardim de delícias. Isto não é verdade. Pode até tornar-se um jardim de tristezas, como aconteceu ao nosso Salvador, quando passou pelo Getsêmani. Como já observamos anteriormente, não é possível existirem montanhas sem vales, e, mesmo no alto da montanha, podem ocorrer experiências duras.

Só porque o pastor já foi à nossa frente e providenciou todos os meios possíveis para a segurança e bem-estar de suas ovelhas durante o tempo que passam na pastagem de verão, isto não quer dizer que não encontrarão problemas ali. Os predadores podem atacar; as ervas daninhas crescem também; tempestades e ventanias podem varrer os picos altos; e muitos outros acidentes podem acontecer no planalto.

Contudo, com seu amor e interesse por nós, Cristo ainda cuida para que tenhamos algumas alegrias em meio às nossas tristezas; alguns dias felizes em meio aos escuros; dias ensolarados entre os sombrios.

Todavia, nem sempre estamos conscientes do tremendo preço que Cristo pagou para preparar a mesa para os seus. Assim como as privações do ovelheiro ao preparar o pasto de verão para o rebanho envolvem sofrimento, assim também a agonia solitária do Getsêmani, do Palácio de Pilatos e do Calvário custou um grande preço ao Senhor.

E quando chego à mesa do Senhor e participo da Ceia que é a festa de ação de graças pelo seu amor e cuidado, será que reconheço plenamente aquilo que custou a ele preparar esta mesa para mim?

Ali celebramos a maior e mais profunda demonstração de amor verdadeiro que o mundo já conheceu. Pois Deus baixou os olhos para a humanidade sofredora, pecaminosa e em luta, e moveu-se de compaixão pelas suas criaturas — tão semelhantes a ovelhas, e tão rebeldes. E apesar do imenso preço que teria que pagar a fim de libertá-las da condição em que se achavam, ele resolveu deliberadamente descer à terra e viver entre os homens com o objetivo de libertá-los.

Isto implicou em pôr de lado toda sua glória, sua posição e suas prerrogativas de ser perfeito e imaculado. Sabia que estaria expondo-se a terríveis privações, ao ridículo, a falsas acusações, a rumores, a boatos, a acusações maldosas que o tachariam de glutão, bebedor, amigo de pecadores e até de impostor. Significava perder a reputação; envolvia sofrimento físico, angústia mental e agonia de espírito.

Em resumo, sua vinda a esta terra como o Cristo, o Jesus de Nazaré, foi um exemplo de sacrifício total, que culminou na cruz do Calvário. A vida entregue e o sangue derramado foram os supremos símbolos desse altruísmo. Isso era amor. Isso era Deus. Isso era a deidade em ação, libertando os homens de seu total egoísmo, sua própria estupidez e seus instintos suicidas, como ovelhas perdidas que não sabem cuidar de si mesmas.

Em tudo isto existe um mistério admirável. Ninguém jamais foi capaz de compreender todas as suas implicações. Está associado ao conceito divino de auto sacrifício, que é muito estranho para nós, que somos centralizados no ego. Quando muito, entendemos levemente o incrível conceito de uma pessoa perfeita, um ser sem pecado, disposto a tornar-se pecado para que nós, que somos tão pecadores, egoístas, imbuídos de autoafirmação e cheios de dúvidas, possamos ser livres do pecado e do eu, para vivermos uma vida de retidão, uma vida nova, livre, forte e abundante.

Jesus nos disse que veio para que tivéssemos vida, e vida abundante. Assim como o ovelheiro se alegra ao ver suas ovelhas se desenvolvendo em uma pastagem de verão rica e bela (isto constitui um dos pontos altos de sua vida), assim também nosso Pastor se agrada imensamente de ver-nos desenvolvendo nos platôs de uma vida nobre e elevada, que ele torna possível para nós.

Parte do mistério e maravilha do Calvário e do amor de Deus por nós em Cristo está associada ao profundo desejo de seu coração de que vivamos num nível mais elevado. Ele anseia por ver-nos acima do nível mundano da humanidade em geral. Deleita-se quando caminhamos na estrada da santidade, do altruísmo, do sereno contentamento, aos seus cuidados, cientes de sua presença, gozando da intimidade de sua companhia.

Viver assim é viver ricamente.

Andar ali é andar em perfeita segurança.

Alimentar-se ali é nutrir-se de boas coisas.

Encontrar esta "mesa" é encontrar um aspecto do amor de meu Pastor por mim.



Unges-me a cabeça com óleo...

Enquanto meditamos neste magnífico poema, é bom lembrar que o poeta está narrando os principais eventos do ano, na vida de uma ovelha. Ele nos tira do aprisco, onde todas as carências do animal são satisfeitas, e nos conduz aos pastos verdejantes, pelas águas de descanso, pelos vales das montanhas até aos pastos do planalto, no verão.

É aqui, onde aparentemente a ovelha se encontra num cenário sublime nas altas campinas; onde há torrentes claras fluindo de nascentes; onde a vegetação é fresca e tenra; onde existe uma comunhão íntima com o pastor; é aqui que, de repente, ocorre um acidente e, por assim dizer — "a mosca cai no unguento".

Na linguagem do ovelheiro, o "verão é tempo de moscas". Quer se fazer com isto referência aos enxames de insetos que surgem com a chegada da estação quente. Somente aqueles que já cuidaram de gado ou estudaram os hábitos dos animais, estão cientes dos problemas sérios que os insetos representam para os animais no verão.

Para citar apenas alguns parasitas que perturbam as criações, importunando-as constantemente, contam-se as moscas varejeiras, mosca-do-berne, mosca-do-gado, pernilongos e outros insetos que proliferam nesta época do ano. O ataque deles pode transformar os dias dourados do verão em dias de tortura, para os carneiros, até quase enlouquecê-los.

As ovelhas são muito assediadas pela mosca nasal. Estes pequeninos insetos ficam a voejar ao redor da cabeça da ovelha tentando depositar os ovos na mucosa úmida da narina do animal. Se conseguem, os ovos se chocam em poucos dias, e surgem as pequeninas larvas. Estas penetram pela cavidade nasal para o interior da cabeça da ovelha, e apegam-se à mucosa, provocando uma irritação intensa, acompanhada de severa inflamação.

Na ânsia de livrar-se da agonizante tortura, as ovelhas deliberadamente batem com a cabeça contra árvores, pedras, moirões ou arbustos. Esfregam a cabeça no chão ou procuram coçar-se contra a vegetação. Em casos extremos de infestação, a ovelha pode até matar-se para obter alívio daquele tormento. Por vezes, a infecção alcança estágios mais avançados, causando cegueira.

Por causa disso, quando estas moscas começam a voejar no meio do rebanho, algumas ovelhas tornam-se inquietas pelo medo e pelo pânico, na tentativa de se esquivarem a estes pequenos flagelos. Batem as patas freneticamente, correm de um lado para outro no pasto, tentando desesperadamente fugir ao ataque dos enxames. Algumas correm tanto, que acabam caindo de exaustão. Outras abanam a cabeça para cima e para baixo durante horas e horas. Também se escondem em qualquer arbusto ou matinha que lhes ofereça um pouco de proteção. Em algumas ocasiões, recusam-se totalmente a pastar em campo aberto.

Todo este nervosismo e perturbação tem um efeito negativo no rebanho. As fêmeas e seus cordeiros perdem as boas condições físicas e começam a emagrecer. O leite das fêmeas se seca,

e as crias param de crescer e desenvolver-se. Nessas correrias de pânico, algumas se ferem; outras ficam cegas e outras até morrem.

Somente uma atenção constante para o comportamento dos animais por parte do criador, pode prevenir as dificuldades que surgem nesta "época de moscas". Ao primeiro sinal da presença de insetos entre o rebanho, ele deve aplicar o antídoto à cabeça delas. Eu sempre preferia usar o remédio caseiro feito de óleo de linhaça, sulfa e alcatrão, que aplicava no focinho e cabeça das ovelhas, para protegê-las das moscas.

Que transformação essa providência opera nos animais! Logo que o óleo é aplicado à cabeça delas, ocorre uma mudança imediata no seu comportamento. Desaparecem a importunação, inquietação, a irritabilidade e o desassossego. Em lugar disso, as ovelhas começam a pastar tranquilamente, depois voltam a repousar satisfeitas e em paz.

Para mim, isto constitui uma figura exata das irritações que aparecem em minha própria vida. Como é fácil haver uma "mosca no unguento", mesmo quando este unguento é uma experiência espiritual das mais elevadas. Muitas vezes são as perturbações pequenas e mesquinhas que destroem toda a minha tranquilidade. São as pequeninas irritações que se tornam questões candentes e quase nos fazem "subir pelas paredes", como se diz. Por vezes, um problema mínimo, mas atordoante, me atormenta ao ponto de eu sentir que estou me desgastando. E, desse modo, meu comportamento como filho de Deus se degenera, assumindo uma forma infeliz de frustração.

E, como acontece às ovelhas, é preciso haver constante e renovada aplicação do óleo em minha vida, para evitar o ataque das "moscas"; é preciso fazer uma aplicação contínua do precioso Espírito de Deus, com o fim de vencer a constante irritação dos conflitos de personalidade. Uma única aplicação do óleo, sulfa e alcatrão não bastava para o verão todo. O processo teria que ser repetido. O antídoto era mais eficaz quando a aplicação era mais recente.

Algumas pessoas atestam que, na vida cristã, tudo de que precisamos é a unção inicial do Espírito de Deus. Contudo, as frustrações dos problemas diários demonstram que precisamos de unções constantes à sua mente turbada e ao seu coração, com o objetivo de neutralizar os ataques dos importunadores.

Esta questão é de caráter prático e íntimo, entre eu e meu Mestre. Em Lucas 11.13, Cristo, o nosso Pastor, insta conosco a que pecamos ao Pai o Espírito Santo.

É um desejo lógico e legítimo este de termos a unção diária do Espírito Santo em nossa mente. Somente Deus pode formar em nós a mente de Cristo. Somente o Espírito Santo pode conceder-nos as atitudes de Cristo. Somente ele cria em nós as condições adequadas para que reajamos às irritações e perturbações com um espírito de calma e paz. Mesmo quando pessoas, circunstâncias ou acontecimentos que se acham fora de nosso alcance tendem a irritar-nos, é possível experimentarmos satisfação e serenidade, se essas forças externas forem neutralizadas pela presença do Espírito de Deus. Em Romanos 8.1 e 2, o apóstolo nos diz claramente que é a lei do espírito de vida em Cristo Jesus que nos liberta da lei do pecado e da morte.

É a aplicação diária do precioso Espírito de Deus em nossa vida que produz nela traços de personalidade tais como gozo, contentamento, amor, paciência, mansidão e paz. Que contraste essas características apresentam em comparação com as explosões de nervos, frustrações e irritações que marcam a conduta diária de tantos filhos de Deus.

O que faço, em qualquer situação, é apresentar o problema a meu Mestre, meu amo, Cristo Jesus, e dizer simplesmente: "Senhor, não consigo fazer face a estes problemas pequenos, irritantes, mesquinhos. Por favor, aplica o óleo do teu Espírito à minha mente, tanto no nível do consciente como do subconsciente, para que eu me capacite a agir e reagir como tu reagirias nesta circunstância." E ele o fará. Ficaremos surpreendidos com a prontidão com que ele atende um pedido destes, feito com fervor.

Mas o verão, para as ovelhas, não é apenas época de moscas, mas também de sarna. A sarna é uma afecção altamente contagiosa, muito comum entre os rebanhos de ovelhas por todo

o mundo. É causada por um parasita pequenino, microscópico, que prolifera na época do calor, e espalha pelo grupo, passando de um animal infectado a outro.

As ovelhas gostam de roçar as cabeças umas nas outras, num gesto afetuoso. E a sarna se aloja mais comumente na cabeça. Quando duas ovelhas se aproximam uma da outra, a infecção passa imediatamente de um animal para o outro.

No Velho Testamento, onde se declara que o cordeiro do sacrifício deveria ser imaculado, o pensamento predominante na mente do autor era que o animal não tivesse sarna. Em um sentido muito real e direto, a sarna é símbolo de contaminação, de pecado e do mal.

Nesse caso, também, como no das moscas, o único antídoto eficaz é a aplicação do óleo de linhaça com sulfato e outras substâncias químicas que podem controlar esta afecção. Em muitos países onde a criação de ovelhas é intensa, constroem-se fossos próprios onde elas são imersas numa solução especial. Cada animal é totalmente coberto por esta solução, de modo que todo o corpo fique bem molhado. A parte mais difícil é a cabeça. O tratador terá que mergulhar a cabeça diversas vezes para assegurar-se de que a sarna foi afetada. Alguns ovelheiros tomam grande cuidado, e fazem o tratamento da cabeça à mão.

Somente uma vez minhas ovelhas "pegaram" a sarna. Eu adquirira algumas fêmeas de outro criador para aumentar meu rebanho. E aconteceu que, embora eu o desconhecesse no momento, elas estavam ligeiramente infetadas de sarna. Rapidamente, a afecção se transmitiu para todo o rebanho sadio. Em consequência, tive de comprar um imenso tanque de imersão, e instalá-lo em minha propriedade. Com grandes despesas, para não falar do tempo e mão de obra envolvidos no processo, tive que submeter o rebanho todo à solução, passando as ovelhas uma a uma pelo tanque, a fim de livrá-las daquele mal. Foi um trabalho imenso, um trabalho que demandava uma atenção toda especial para com a cabeça. Por isso, sei exatamente o que Davi quis dizer quando escreveu: "Unges-me a cabeça com óleo". Esse também era o único antídoto para a sarna.

Talvez deva mencionar que na Palestina o velho remédio para tais tratamentos era um composto de azeite de oliva, sulfato e especiarias. Esta mezinha caseira servia igualmente para o caso de moscas que perturbavam o rebanho.

Na vida cristã, a maioria das contaminações do mundo, do pecado e de tudo que nos macula e enferma espiritualmente nos vem através da mente. É o caso de uma mente em contato com outra, transmitindo ideias, conceitos e atitudes que podem ser-nos prejudiciais.

Muitas vezes, é quando temos um "encontro de cabeças" com outras pessoas, que talvez não tenham a mente de Cristo, que ficamos "contagiados" por conceitos que não são cristãos.

Nossos pensamentos, ideias, emoções, decisões, impulsos, estímulos e anseios são todos formados e moldados pelo contato de nossa mente com a de outras pessoas. Em nossa era de comunicação em massa, o perigo da mente massificada agrava-se terrivelmente. Os jovens, principalmente, cuja mentalidade é tão maleável, estão sendo moldados sob as pressões sutis e o impacto que lhes é causado pela televisão, rádio, revistas, jornais e colegas, para não mencionar pais e professores.

Na maioria dos casos, os meios de comunicação em massa, que são grandemente responsáveis pela formação de nossa mentalidade, acham-se nas mãos de homens cujo caráter não é como o de Cristo, e que, aliás, em alguns casos, são anticristãos.

É impossível expor-se a um contato com tais coisas sem se sair contaminado. Os padrões de pensamento das pessoas estão-se tornando sempre mais detestáveis. Hoje vemos mais tendências para a violência, ódio, preconceitos, avareza, cinismo e um crescente desrespeito para com tudo que é nobre, bom, puro e belo.

Isso é precisamente o oposto do que as Escrituras ensinam. Em Filipenses 4.8, temos instruções veementes nesse sentido: "Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento." Nesse caso também, a

única saída possível e prática para se obter uma mente descontaminada do mundo é procurar diariamente, hora a hora, a presença purificadora do Espírito Santo de Deus, aplicada à mente.

Existem pessoas que são incapazes de obter o controle do Espírito Santo para sua mente e pensamento. É simplesmente uma questão de fé e aceitação. Do mesmo modo que pedimos a Cristo para entrar em nosso coração, no princípio, para assumir controle total de nossa conduta, assim também, convidamos o Espírito Santo para entrar em nossa consciência e em nosso subconsciente para dirigir nossa vida mental. Assim como, pela fé, cremos e sabemos, aceitamos e agradecemos a entrada de Cristo em nossa vida, assim também, por um ato de fé simples e com confiança no mesmo Cristo, cremos e sabemos, aceitamos e agradecemos a vinda (ou unção) do seu Santo Espírito sobre nossa mente. Feito isto, simplesmente passamos a viver, agir e pensar como ele nos orienta.

A dificuldade é que alguns de nós não estão muito ansiosos por isto. Como uma ovelha teimosa, lutamos, esperneamos e protestamos quando o Mestre coloca suas mãos em nós com este objetivo. Mesmo sabendo que é para o nosso bem, ainda assim nos rebelamos contra ele e não permitimos que nos abençoe neste sentido, quando a verdade é que precisamos disso.

De certo modo, somos muito obstinados, e, se não fosse pela compaixão e interesse persistentes de Cristo, muitos de nós já teriam passado dos limites, e não haveria mais possibilidade de recuperação nem esperanças. Algumas vezes, tenho certeza de que Cristo vem até nós e aplica o óleo do Espírito Santo em nossa mente, apesar de nossas objeções. Se tal não se desse, onde estaríamos muitos de nós? Certamente, todo pensamento bom que entra em nossa mente tem sua origem nele.

Depois, à medida que o verão avança gradualmente, passando o outono, ocorrem algumas mudanças sutis, tanto na paisagem, como nas ovelhas. É a época do cio, do acasalamento, das grandes lutas dos carneiros pela posse das fêmeas. O pescoço dos maiores aumenta e ficam mais fortes. Passeiam orgulhosamente pelos pastos e lutam furiosamente pela atenção das ovelhas. Durante as horas do dia e da noite, ouvem-se os ruídos cavos de cabeças se entrechocando e corpos se batendo.

O pastor conhece tudo isso. Sabe que alguns dos animais chegam a matar, ferir seriamente e lesar uns aos outros nestes combates mortais. Então, ele toma uma providência simples. Nesta época do ano, ele pega os carneiros e passa graxa em sua cabeça. Eu costumava aplicar grande quantidade de graxa de automóvel na cabeça e focinho de cada um. Então, quando se chocavam nas brigas, o lubrificante fazia com que deslizassem de uma forma tão ridícula, que se sentiam frustrados e idiotas. Desse modo, evitava muito daquele ardor e tensão, e havia menos prejuízo.

Entre o povo de Deus também há considerável volume de agressões mútuas. Por alguma razão, quando não nos entendemos perfeitamente com certa pessoa, persistimos na tentativa de autoafirmação, para nos tornarmos o "carneiro chefe". Muitos acabam gravemente feridos e contundidos desse modo.

Aliás, quando pastor, descobri que grande parte das tristezas, sofrimentos, mágoas, má vontade, ressentimentos nas pessoas, geralmente tinham sua origem em velhas rivalidades, ciúmes e conflitos que haviam surgido entre os crentes. Existem muitas pessoas incrédulas que nunca entrarão numa igreja simplesmente porque, no passado, alguém as magoou intensamente.

No sentido de prevenir e evitar que este tipo de coisa aconteça entre seu povo, nosso Pastor gosta de aplicar a preciosa unção da presença do seu Espírito em nossa vida. Lembremo-nos de que pouco antes de sua crucificação, o Senhor, ao falar com os doze discípulos, os quais, mesmo àquela altura ainda estavam-se envolvendo em briguinhas ciumentas e rivalidades na disputa pelo prestígio, falou da vinda do Consolador — o Espírito da verdade. Quando ele viesse, disse o Senhor, eles gozariam a paz. Jesus disse ainda que o seu povo seria conhecido pelo seu amor uns pelos outros.

Mas, muitas vezes, isso não se torna realidade entre o povo de Deus. Eles se batem e se agriem, obstinados pelo orgulho e desejo de autoafirmação. São intolerantes, dogmáticos e sem amor uns para com os outros.

Contudo, quando o precioso Espírito Santo entra em uma vida, quando penetra nessa alma e passa a controlar a personalidade, os atributos da paz, gozo, paciência e generosidade logo se manifestam. É então que, de repente, o crente se torna ciente de como são ridículos todos os mesquinhos ciúmes, rivalidades e animosidades que antes motivavam suas absurdas alegações. Isto significa atingir um estado de grande contentamento, no cuidado do pastor. É então que a taça de gozo se torna real em sua vida. Como filhos de Deus e ovelhas aos cuidados do Pastor divino, devíamos ser conhecidos como as pessoas mais felizes da terra. Um contentamento calmo e tranquilo deveria ser a marca de todos os que chamam a Cristo de Mestre.

Se é ele quem tem todo o conhecimento, sabedoria e entendimento de meus interesses e da orientação de minha vida, pode muito bem enfrentar toda e qualquer situação que encontra, seja ela boa ou adversa. Então me satisfaço com seus cuidados. De uma forma maravilhosa, meu cálice, ou minha sorte na vida, é dos mais felizes, e transborda com bênçãos de todo tipo.

O problema é que a maioria dos crentes não enxerga a coisa desta maneira. Principalmente quando surgem problemas e frustrações, temos a tendência de nos sentirmos abandonados pelo nosso Pastor. Agimos como se ele houvesse fracassado em sua missão.

Na verdade, ele nunca dorme. Nunca é descuidado ou relaxado. Nunca está indiferente ao nosso bem-estar. Ele tem em mente nossos melhores interesses.

Sendo assim, temos a obrigação de sermos pessoas agradecidas, gratas e reconhecidas. O Novo Testamento nos instrui claramente a apreender esta noção de que o cálice de nossa vida está cheio e transbordante de bens, pela vida do próprio Cristo, e pela presença de seu precioso Espírito Santo. E por isso devemos ser alegres, gratos e tranquilos.

Esta é a vida cristã vitoriosa. É a vida na qual o você pode ficar contente com qualquer coisa que lhe aconteça — até mesmo com os problemas (Hb 13.5). A maioria das pessoas fica contente quando tudo está bem. Quantos são capazes de dar graças e louvores a Deus quando tudo está dando errado?

Olhando outra vez para o calendário da ovelha sob os cuidados do pastor, vemos agora o verão passando a outono. Tempestades de saraiva e granizo bem como as primeiras neves começam a varrer os planaltos. Breve os rebanhos terão que deixar os montes e as "mesas". Retornarão ao aprisco da fazenda, onde passarão a longa e calma estação do inverno.

Estes dias de outono podem apresentar um aspecto de "verão indiano". Agora as ovelhas já estão livres das moscas e outros insetos, e também da sarna. Nenhuma outra estação, ao entrar, as encontra em melhores condições — fortes, resistentes, saudáveis. Não admira que Davi escrevesse: "meu cálice transborda".

Mas, ao mesmo tempo, ocorrem nevascas inesperadas ou tempestades de granizo que subitamente envolvem as colinas. O rebanho e seu proprietário podem enfrentar dificuldades imensas.

É nesse quadro que encontro outro aspecto do significado deste cálice que transborda. Em cada vida existe um cálice de sofrimento. Jesus Cristo referiu-se à sua agonia no Jardim do Getsêmani e ao Calvário como sendo seu cálice. E se ele não tivesse transbordado com a vida do Senhor, derramada em favor dos homens, nós teríamos perecido.

No cuidado de minhas ovelhas, carrego sempre, no bolso, um frasco contendo uma mistura de conhaque e água. Sempre que uma fêmea ou um cordeirinho se resfria por uma excessiva exposição à chuva ou ao frio, faço-o ingerir algumas colheradas dessa mistura. Em questão de instantes, o animal enregelado se coloca de pé, cheio de renovada energia. Achávamos muito engraçadinho o modo como os cordeirinhos assim tratados abanavam a cauda com alegre disposição logo que o calor do conhaque se espalhava pelo seu organismo.

O importante para mim era estar sempre ali, a tempo de encontrar a ovelha enregelada, antes que fosse tarde demais. Eu tinha que enfrentar a tempestade juntamente com elas, alerta para qualquer uma que revelasse sinais desse problema. Algumas das lembranças mais vividas de meus dias de criador de ovelhas estão associadas a estas horríveis tempestades que enfrentei juntamente com o rebanho. Ainda revejo mentalmente as imensas nuvens negro-acinzentadas chegando do mar; ainda vejo as tempestades de granizo, saraiva e neve varrendo as colinas; vejo as ovelhas correndo para as árvores altas à procura de abrigo; vejo-as ali, ensopadas, enregeladas e tão patéticas. Os cordeiros menores, principalmente, passavam por amargos momentos, por não terem ainda uma "capa" mais grossa de lã para protegê-los. Alguns, não suportando, deitavam-se, em desespero, e assim fazendo, ficavam ainda mais enregelados e doloridos.

Era então que minha mistura de conhaque e água os socorria. Estou certo de que os pastores palestinos também devem ter dividido seu vinho com as ovelhas enregeladas e resfriadas.

Que magnífico quadro de nosso Mestre dando-nos o vinho, a vida e o sangue de seu sofrimento, em seu cálice transbordante, derramado no Calvário por nós. Ele está comigo em cada tempestade. Meu Pastor está atento a cada desastre iminente que ameaça seu povo. Ele já passou pelas tormentas do sofrimento antes. Levou nossas dores e conheceu o padecimento.

E não importa que tormentas eu venha a enfrentar, sua própria vida, força e vitalidade são derramadas em minha vida, que transborda com a vida dele... muitas vezes com grandes bênçãos e benefícios para outros que me veem resistir. São bênçãos em meio às provações e sofrimentos.



Bondade e misericórdia certamente me seguirão...

Durante todo o estudo deste salmo, temos enfatizado continuamente o cuidado exercido pelo pastor atencioso. Já sublinhamos a importância do diligente esforço e dedicação do fazendeiro ao bem-estar das ovelhas. Já mostramos em cores vivas todos os benefícios de que goza um rebanho sob a administração habilidosa e terna do criador.

Agora o salmista resume tudo isso com uma simples e corajosa declaração: "Bondade e misericórdia certamente me seguirão todos os dias da minha vida."

A ovelha que tem um pastor assim, sabe com certeza que se encontra numa situação privilegiada. Não importa o que lhe suceda, ela pode estar sempre perfeitamente segura de que bondade e misericórdia estarão em cena. Tranquiliza-se por estar sempre sob a orientação de uma administração correta, inteligente e compreensiva. De que mais precisa ela? Bondade e misericórdia são o tratamento que recebe das mãos habilidosas e ternas de seu amor.

E não somente esta declaração é audaciosa, mas é também uma espécie de jactância, uma exclamação de confiança implícita naquele que controla sua carreira e destino.

Quantos crentes há que realmente se sentem desse modo com relação a Cristo? Quantos de nós estão realmente certos de que, aconteça o que acontecer em nossa vida, seremos seguidos de bondade e misericórdia? Naturalmente é muito fácil falar assim, quando tudo vai bem conosco. Se a saúde está boa, se minha renda aumenta, minha família está bem, meus amigos gostam de mim, então não é difícil dizer: "Bondade e misericórdia certamente — sim certamente — me seguirão todos os dias da minha vida."

Mas, e quando o organismo sofre um colapso? O que dizer quando sou obrigado a contemplar sem poder ajudar — como aconteceu a mim — vendo minha companheira de toda a vida morrer aos poucos, entre dores atrozes? Qual é minha reação quando meu emprego fracassa e não há dinheiro para pagar as contas? O que acontece, se meus filhos não conseguem passar de ano na escola, ou se descubro que estão andando em más companhias? O que digo quando, repentinamente, sem razões válidas, os amigos provam que eram falsos e voltam-se contra mim?

Estes são tipos de situação que testam a confiança do crente nos cuidados de Cristo. São ocasiões em que a pessoa é provada, e a vida é mais do que uma lista de chavões religiosos. Quando nosso mundo particular está-se desmoronando e os castelos de sonho de nossas ambições e esperanças se desfazem em ruínas, será que podemos dizer sinceramente "Bondade e misericórdia certamente me seguirão todos os dias da minha vida"? Ou seria isso uma grande hipocrisia, uma grande farsa?

Quando olho para trás, à luz de meus cuidados e afeição pelas ovelhas, vejo várias e várias vezes a compaixão e o interesse de meu Mestre por mim, na orientação de minha vida. Houve acontecimentos que, no momento, pareciam total calamidade; houve caminhos por onde me conduziu, que pareciam becos sem saída; houve dias que ele me fez viver que eram negros como a própria morte. Mas, no fim de tudo, concorreram para o meu benefício e bem-estar.

Com meu limitado entendimento de ser humano finito, nem sempre eu entendia seus atos executados com infinita sabedoria. Em minha natural tendência para temer, para me preocupar e indagar a razão de tudo, nem sempre era fácil aceitar que ele realmente sabia o que estava fazendo comigo. Houve ocasiões em que fui tentado e entrar em pânico, a saltar e abandonar sua orientação. Por alguma razão, eu tinha a tola noção de que poderia sair-me melhor cuidando eu mesmo de mim. A maioria das pessoas pensa assim.

Mas, a despeito deste comportamento errado, ele não desistiu de mim, e estou muito feliz por isso. Sou tão grato a ele por haverem-me seguido a bondade e a misericórdia. A única motivação possível para isso era seu próprio amor, cuidado e interesse por mim, como uma de suas ovelhas. E, apesar de minhas dúvidas e apreensões acerca de sua administração de meus interesses, ele me recolheu e reconduziu de volta a si, com grande ternura.

E agora, ao fazer um retrospecto, entendo tudo isso e percebo que para aquele que verdadeiramente se acha aos cuidados de Cristo não surgirão dificuldades, nem problemas, nem desastre aparente sem que eventualmente um benefício lhe venha desse caos. Isto é ver a bondade e a misericórdia do Senhor em minha vida. Isso se tornou o grande fundamento de minha fé e confiança nele.

Eu o amo porque ele me amou primeiro.

Sua bondade, misericórdia e compaixão para comigo são novas a cada dia. E minha segurança está firmada nestes aspectos de seu caráter. Minha confiança está fundada em seu amor por mim, como ovelha sua. Minha tranquilidade tem suas bases numa confiança implícita e inabalável em sua capacidade de fazer o que é certo e melhor em toda e qualquer situação.

Para mim, este é o retrato supremo de meu Pastor. Continuamente, sua bondade e misericórdia fluem para mim, e embora eu não as mereça, elas procedem de sua inesgotável fonte — seu grande coração e amor.

Nisso reside a essência de tudo que houve antes, neste salmo.

Todo o cuidado, o trabalho, a vigilância alerta, toda a habilidade, preocupação e auto sacrifício, tudo é gerado pelo seu amor — o amor daquele que ama suas ovelhas, sua obra, sua missão de Pastor.

"Eu sou o bom pastor; o bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas."

"Nisto conhecemos o amor, em que Cristo deu a sua vida por nós." (1 Jo 3.16.)

E, com tudo isso em vista, é natural que eu pergunte a mim mesmo: "Será que esta torrente de bondade e misericórdia deve passar por minha vida e 'empoçar' nela? Será que não existe um meio de ela ser transmitida a outros, e redundar em bênçãos para eles?"

Sim, existe um modo.

E este aspecto da verdade engana a muitos de nós.

Existe um aspecto prático e positivo no qual minha vida, por sua vez, deve fazer fluir a bondade e a misericórdia, para o bem de outros.

Assim como a bondade e a misericórdia vêm a mim todos os dias de minha vida, assim também elas devem seguir-me, devem ser deixadas em meu rastro, como um legado a outros, onde quer que eu vá.

Vale a pena repetir, neste ponto, que as ovelhas que se encontram sob uma administração falha, podem tornar-se um rebanho destrutivo. Em pouco tempo, podem arruinar e devastar um

terreno, até quase torná-lo irrecuperável. Mas, em franco contraste, elas podem, por outro lado, tornar-se a mais valiosa de todas as criações, se corretamente administradas.

O estrume delas é o mais equilibrado de todos os estéreis de gado doméstico. Quando espalhado pelos pastos, é de grande benefício para o solo. O hábito dos carneiros de procurar o lugar mais alto para descansar, resulta em que a fertilidade das terras baixas é depositada nas terras altas, que são menos produtivas. Nenhum outro tipo de criação consome uma vegetação tão variada. As ovelhas comem toda espécie de matinhos e outras ervas indesejáveis que de outro modo infestariam os campos. Por exemplo, elas apreciam imensamente os botões e brotinhos tenros do espinheiro canadense, o qual, se não for erradicado de alguma forma, pode tornar-se, com pouco tempo, uma planta nociva. Em poucos anos, um rebanho de ovelhas bem administrado pode limpar e restaurar um terreno imprestável, de uma forma que nenhum outro gado pode fazer.

Na literatura antiga, falava-se das ovelhas como os animais "do casco dourado" — simplesmente porque eram consideradas em alta estima pelos benefícios que prestavam à terra.

Em nossa própria experiência como criador de ovelhas, eu vi, no espaço de poucos anos, duas fazendas arruinadas serem restauradas a um ponto de alta produtividade e utilidade. Mais que isso, terras que antes pareciam quadros deprimentes tornaram-se belas e vicejantes propriedades de imenso valor. Onde antes havia apenas pobreza e devastação patética, agora havia campos florescentes e rica abundância.

Em outras palavras, a bondade e a misericórdia seguiam-se aos meus rebanhos. Deixavam atrás de si algo de valioso, produtivo, belo e benéfico, para elas e para mim. Onde quer que fossem, seguia-se a fertilidade e uma terra limpa. Onde elas viviam, ficava a beleza e a abundância.

E agora, várias vezes, ocorre-me a pergunta: será que isso se aplica à minha vida?

Eu deixo bênçãos e bondade em meu rastro?

Tennyson escreveu o seguinte em um de seus famosos poemas: "Os homens bons criam vida atrás de si."

Certa ocasião, dois amigos ficaram em nossa casa alguns dias, de passagem para o leste, para onde iam a trabalho. Convidaram-me a ir com eles, e aceitei. Após vários dias de viagem, um deles deu por falta de seu chapéu. Estava certo de que o deixara em nossa casa. Pediu-me que escrevesse à minha esposa para que o procurasse e o remetesse a ele.

Nunca esquecerei a carta que ela escreveu. Havia uma determinada sentença que causou enorme espanto em mim: "Vasculhei a casa de alto a baixo e não achei nem sombra do chapéu. A única coisa que esses homens deixaram aqui foi uma grande bênção."

Será que as pessoas pensam isto de mim?

Eu deixo um rastro de alegria, ou de tristeza, à minha passagem?

A lembrança que deixo na memória de outras pessoas é envolta em misericórdia e bondade, ou será que preferiam esquecer-me totalmente?

Deposito uma bênção atrás de mim, ou represento um fator de destruição para os outros? Minha vida constitui uma satisfação ou um desprazer para os outros? Em Isaías 52.7, lemos o seguinte: "Que formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas-novas, que faz ouvir a paz..."

As vezes é proveitoso dirigirmos a nós mesmos as seguintes perguntas:

"Deixo atrás de mim a paz ou o tumulto?"

"Deixo atrás de mim o perdão ou a amargura?"

"Deixo atrás o contentamento ou o conflito?"

"Deixo as flores de alegria ou a frustração?"

"Deixo atrás o amor ou o rancor?"

Algumas pessoas deixam atrás de si, onde quer que vão, uma triste confusão, de tal maneira que preferem cobrir seus rastros.

No entanto, para o verdadeiro filho de Deus, para aquele que se acha aos cuidados do Pastor, nunca deveria haver este sentimento de vergonha, ou o temor de regressar ao lugar onde viveu ou onde já esteve. Por quê? Porque deve ter deixado um legado de soergui-mento espiritual, encorajamento e inspiração.

Na África, onde passei muitos anos de minha vida, uma das marcas mais profundas deixada por um homem, foi a de Davi Livingstone. Em todos os pontos aonde seus passos o conduziram, pelas selvas e planícies do grande continente, ali ficou o impacto de seu amor. Muitos nativos, cuja língua ele nunca aprendeu, muitos anos depois de sua partida, ainda se lembravam dele, o bondoso médico a quem bondade e misericórdia seguiam por todos os dias de sua vida.

Em minha própria mente permanecem as recordações da infância, das primeiras histórias que ouvi acerca de Jesus Cristo, como um homem que viveu entre nós. Sua vida foi resumida numa declaração simples, concisa, mas bastante profunda: "Andou por toda a parte fazendo o bem." Era como se isso fosse a coisa mais elevada, mais nobre e importante que ele poderia fazer nos seus poucos anos de ministério.

Mas também impressionou-me o fato de que seus atos bons e generosos eram sempre associados à misericórdia. Em situações em que os homens eram rudes, ásperos e vingativos uns para com os outros, ele demonstrava sempre compaixão e ternura. Até mesmo os pecadores mais vis encontravam perdão nele, ao passo que, às mãos de outros homens, conheciam apenas condenação, censuras e críticas cruéis.

E outra vez, devo perguntar a mim mesmo se essa é a minha atitude para com as outras pessoas. Assento-me no pedestal do meu orgulho, olhando com desprezo aos que me cercam, ou desço e me identifico com eles em seus problemas, e, assim fazendo, transmito-lhes uma parcela de misericórdia e bondade a mim concedidas pelo Mestre?

Olho para os pecadores com a compaixão de Cristo ou com um olhar crítico de censura?

Estou disposto a ignorar as faltas e fraquezas dos outros, e a conceder perdão, assim como Deus perdoou meus erros?

A única evidência prática e verdadeira de que aprecio a bondade e a misericórdia divinas é minha capacidade de, por minha vez, demonstrar bondade e misericórdia para com outros.

Se me mostro incapaz de perdoar e ter amizade por pessoas decaídas, então é bem certo que pouco ou nada conheço, em termos práticos, do perdão e da misericórdia de Cristo para comigo.

É essa falta de amor entre os crentes hoje que torna a Igreja uma instituição insípida e morna. As pessoas vão a ela em busca de religião, mas sentem-se repelidas por nossa mornidão.

Mas aquele que conhece, por experiência própria, a bondade e a misericórdia de Deus em sua vida, será caloroso e terno, demonstrando bondade e misericórdia para com outros. Isso é uma bênção para eles, mas igualmente importante é o fato de que é uma bênção para Deus também.

Sim, uma bênção para Deus.

A maioria das pessoas crê que somente Deus pode ser uma bênção para nós. A verdade é que a vida cristã é uma estrada de mão dupla.

Nada me agradava mais do que ver meu rebanho prosperando e se desenvolvendo. Eu me agradava, pessoalmente, de forma intensa, por sentir-me recompensado pelos cuidados que lhes dispensava. Era maravilhoso ver as ovelhas contentes. Era ótimo ver as terras sendo beneficiadas. E as duas coisas me deixavam imensamente feliz. Aquilo enriquecia grandemente a minha vida. Era uma compensação para meus esforços e energias. Nessa experiência, recebi compensações plenas pelos esforços que investi nela.

A maioria dos crentes esquece-se de que nosso Pastor está esperando alguma satisfação também. A Bíblia diz que ele contemplou o trabalho de sua alma e ficou satisfeito.

Essa é a bênção que podemos dar a ele.

Ele contempla nossa vida com ternura, pois nos ama profundamente. Vê os longos anos durante os quais sua bondade e misericórdia me seguiram sem arrefecer. Deseja ver uma parte dessa mesma bondade e misericórdia não só transmitida a outros, por meu intermédio, mas também devolvida a ele em gozo.

Ele anseia por receber amor de minha parte.

E eu o amo — somente porque ele me amou primeiro.

E é assim que ele fica satisfeito.



E habitarei na casa do Senhor para todo o sempre

Este salmo iniciou-se com uma afirmação alegre e ufana: "O Senhor é o meu pastor".

Agora encerra-se com uma declaração igualmente positiva e feliz: "E habitarei na casa do Senhor para todo o sempre."

Vemos aqui uma ovelha tão plenamente satisfeita com sua sorte na vida, tão contente com o cuidado que recebe, tão feliz com o pastor, que não tem o menor desejo de modificar a situação.

Posta em linguagem simples e direta, em linguagem de fazenda, esta sentença seria mais ou menos assim: "Nada me fará deixar este lugar — é maravilhoso."

Do mesmo modo, por parte do pastor, existe uma grande afeição e devoção ao seu rebanho. Nunca pensaria em desfazer-se de suas ovelhas. Esses animais saudáveis, contentes e produtivos são o seu leite e sua fonte de lucros. Os laços que o unem a elas são tão fortes que, na verdade, são eternos.

A palavra "casa" usada aqui no poema tem um significado mais amplo do que o que a maioria das pessoas lhe atribui. Geralmente, falamos da casa do Senhor como um santuário, igreja ou lugar de reunião do povo de Deus. Num certo sentido, este deve ter sido o pensamento de Davi. E, naturalmente, é agradável pensar que sempre nos alegremos de estar na casa do Senhor.

Mas devemos lembrar que o salmista, ao escrever do ponto-de-vista da ovelha, está meditando sobre a atividade anual do rebanho, e recontando-a.

Ele nos conduziu aos pastos verdejantes e às águas tranquilas da fazenda; e depois, passando pelos trilhos montanhosos, até aos planaltos onde se acham as pastagens de verão. O outono chegou, com tempestades, chuva e granizo, que obrigam o rebanho a recuar montanha abaixo, de volta à fazenda, onde passará o longo e calmo inverno. Num certo sentido, isto simboliza a ida para o céu. É um retorno aos campos, apriscos, celeiros e abrigos do proprietário da casa. Durante as outras estações do ano, com seus acidentes, perigos e perturbações, é pela atenção do criador, seu cuidado e administração segura, que as ovelhas atravessam os dias satisfatoriamente.

E é com sublime sentimento de realização e contentamento que esta declaração é feita: "E habitarei na casa do Senhor para todo o sempre."

Na verdade, quando o salmista diz "casa", refere-se à família ou rebanho do Bom Pastor. A ovelha está tão plenamente satisfeita com o rebanho a que pertence, com o fato de ser propriedade deste pastor, que não tem nenhum desejo de mudar a situação.

É como se houvesse finalmente voltado para casa e estivesse junto à cerca, gabando-se para os vizinhos menos afortunados que se acham do outro lado. Ela se gaba do maravilhoso ano que passou e de sua total confiança em seu senhor.

As vezes, penso que nós, os crentes, deveríamos ser assim. Devíamos orgulhar-nos de pertencer a Cristo. Por que não deveríamos sentir-nos livres para gabar perante os outros, da bondade de nosso Pastor? Como deveríamos alegrar-nos de contemplar o passado e recordar as maneiras maravilhosas em que ele tomou providências em favor de nosso bem-estar! Devíamos sentir prazer em descrever com detalhes as experiências difíceis por que passamos, na companhia dele. E devíamos estar ansiosos para falar aos outros de nossa confiança em Cristo. Devíamos ser

ousados em afirmar destemidamente que estamos felizes de pertencer a ele. Pelo contentamento e serenidade de nossa vida, deveríamos demonstrar a grande vantagem que existe em ser membro de sua "casa", de seu rebanho.

Sempre que medito nesta última frase do salmo, acodem-me à memória vividas cenas dos meus primeiros dias como criador de ovelhas.

Com a chegada do inverno, trazendo chuvas frias e ventos gelados, as miseráveis ovelhas da fazenda vizinha ajuntavam-se em pequenos bandos perto da cerca, a cauda voltada para a chuva, e os olhos para os ricos campos nos quais meu rebanho pastava. Aquelas pobres e maltratadas criaturas, sob o controle de um homem impiedoso, haviam experimentado apenas sofrimentos durante todo o ano. No verão, haviam passado uma fome terrível. Estavam magras e doentias, cheias de enfermidades, sarna e parasitas. Atormentadas por moscas e atacadas por predadores, algumas achavam-se tão fracas, magras e em estado tão deplorável, que suas finas pernas mal suportavam o peso de seu corpo frágil.

Parecia haver sempre em seu olhar uma leve e secreta esperança de poderem atravessar a cerca, ou passar por algum vão, a fim de se libertarem. E vez por outra isto acontecia, principalmente por volta do Natal. Era a época das marés extremas, quando o mar descia mais, indo além da ponta da cerca divisória que penetrava oceano adentro. E aquelas ovelhas famintas, desnutridas e insatisfeitas esperavam que isso acontecesse. Depois, à primeira oportunidade, desciam até à praia deixada livre pela maré vazante; rodeavam a extremidade da cerca e se insinuavam pelas nossas pastagens verdejantes.

Tão penoso e patético era seu estado, que aquele súbito banquete de relva viçosa, ao qual estavam desacostumadas, muitas vezes lhes trazia consequências desastrosas. Começavam a sofrer disenteria e, às vezes, isso ocasionava-lhes a morte. Lembro-me claramente de certa ocasião em que encontrei três fêmeas da propriedade vizinha caídas embaixo de um pinheiro, próximo à cerca, num dia sombrio. Pareciam três sacos velhos, encharcados, amontoados no chão. Nem mesmo suas pernas ossudas as sustinham mais.

Coloquei-as dentro de um carrinho de mão, e levei-as de volta para seu impiedoso dono. Ele simplesmente tomou de uma faca afiada e cortou-lhes o pescoço. Não se importava absolutamente com elas.

Que perfeita ilustração de Satanás, que detém o direito de propriedade sobre tantas pessoas!

Naquele instante, veio-me à mente a figura que Jesus apresentou de si mesmo como a porta pela qual as ovelhas entram em seu aprisco.

Aquelas pobres ovelhas não haviam entrado em minha propriedade pela porta de direito. Eu nunca permitiria que ficassem. Não eram minhas. Não haviam sido confiadas aos meus cuidados. Se houvessem, não teriam sofrido tanto. Se fosse o caso, logo que passassem a pertencer-me teriam recebido atenções especiais. Primeiramente, teriam recebido rações secas, balanceadas; depois, iriam gradualmente passando a ervas, até que seu organismo estivesse perfeitamente ajustado à nova dieta e ao nosso modo de vida.

Em resumo, elas tentaram entrar por si mesmas. E o que tornava a situação ainda mais triste era o fato de que estavam já condenadas. Naquela fazenda de pasto ralo, teriam morrido de qualquer jeito, naquele inverno.

O mesmo acontece com as pessoas que estão separadas de Cristo. O velho mundo é uma fazenda bastante infeliz, e Satanás é um fazendeiro impiedoso. Não se importa nem um pouco com a alma do homem e nem com seu bem-estar. Sob sua tirania, acham-se centenas de corações famintos e descontentes, que desejam entrar na casa de Deus — que anseiam por desfrutar de seus cuidados e interesse.

Contudo, existe apenas um caminho para se entrar neste aprisco. Este caminho é o seu proprietário, Cristo — o Bom Pastor. Ele declara com toda franqueza que "Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará e sairá e achará pastagem." (Jo 10.9.)

Quase que diariamente tenho contato com pessoas que se acham "do outro lado da cerca". Qual é o impacto que causo neles? Será que minha vida é tão serena, tão satisfatória e tão radiante por andar eu com Deus, que essas pessoas sintam inveja de mim? Será que enxergam em mim as vantagens de estarmos sob o controle de Cristo? Veem refletido em meu caráter e minha conduta algo do caráter de Cristo? Será que minha vida e minhas palavras conduzem outros a ele — e, por conseguinte, à vida eterna?

Se assim for, posso estar certo de que eles também desejarão habitar na casa do Senhor para todo o sempre. E não existe nenhuma razão para que isso não aconteça, se passarem a pertencer ao "dono" certo.

Existe outro belo aspecto que o salmista aborda, falando como ovelha, que se revela na versão inglesa "Velho Testamento Ampliado", onde esta frase foi traduzida da seguinte maneira: "E habitarei na presença do Senhor para todo o sempre."

Estou certo de que esse foi o sentimento mais significativo que Davi experimentou, ao encerrar este hino de louvor ao cuidado divino.

Aqui, não somente temos a ideia de um Pastor sempre presente em cena, mas também o conceito de que a ovelha deseja estar plenamente à vista de seu dono, o tempo todo.

Esta linha de pensamento segue o fio de nosso estudo do começo ao fim. Somente a vigilância, a atenção e a diligência de um amo incansável garantem à ovelha um cuidado excelente. E do ponto-de-vista do animal, é a certeza de que o pastor se encontra ali, é a constante consciência de sua presença que automaticamente elimina a maioria das dificuldades e perigos, ao mesmo tempo que lhe fornece um grande senso de segurança e tranquilidade.

É a presença do proprietário das ovelhas que lhes traz a garantia de que nada faltará; de que haverá abundância de verdejantes pastagens; de que terão águas limpas e tranquilas; de que serão conduzidas por novos caminhos, a campos viçosos; de que haverá pastagens nas altas "mesas"; de que estarão livres de temores; de que haverá antídotos para moscas, doenças e parasitas; de que haverá tranquilidade e satisfação.

Esta mesma ideia e os mesmos princípios aplicam-se com exatidão em nossa vida e experiência cristã. Após havermos dito tudo com relação à vida vitoriosa, podemos resumir todos os conceitos emitidos com uma única frase: "Viver sempre consciente da presença de Deus."

Existe uma consciência interior da presença de Cristo em nossa vida, que pode ser bem distinta e real, e que nos vem do seu precioso Espírito Santo habitando em nosso coração. É ele quem nos fala acerca de nosso comportamento de modo claro e inconfundível. De nossa parte, temos que ser sensíveis a essa voz interior, e corresponder a ela.

É possível haver uma consciência constante da presença de Cristo em nosso coração, capacitando-nos a viver uma vida mais nobre e ricamente gratificante, em cooperação com ele. E quando lhe respondo positivamente, e ajo em harmonia com seus desejos, descubro que a vida se torna mais satisfatória e digna de ser vivida. Reveste-se de grande serenidade e torna-se uma entusiástica aventura de realização, à medida que se passam os dias. Isto só é possível quando permitimos que o Espírito Santo controle, oriente e dirija nossas decisões diárias. Aliás, eu deveria espontaneamente pedir sua orientação até mesmo nos menores detalhes.

E ademais, há a ampla mas igualmente emocionante consciência de Deus ao meu redor. Vivo cercado por sua presença. Sou uma pessoa aberta, um indivíduo aberto, com uma vida aberta ao seu escrutínio. Ele está ciente de cada circunstância que enfrento. Ele me assiste com muito cuidado e interesse, pois pertenço a ele. E isso perdurará por toda a eternidade. Que bendita certeza!

Habitarei na presença (e aos cuidados) do Senhor para todo o sempre.

Bendito seja o seu nome!

Nada me Faltará



Da privilegiada perspectiva que é a experiência de primeira mão, Phillip Keller apresenta um vívido e interessante comentário devocional sobre uma das mais queridas passagens bíblicas.

Armado com sua experiência e conhecimentos de pastor, ele conduz e encaminha o leitor para os pastos verdejantes da revelação e às águas frescas da realização, entesouradas nas profundezas do salmo pastoral. E aqueles que se decidem a segui-lo em sua orientação bem feita, são recompensados com satisfação e ensinamentos proveitosos.

Uma ênfase toda especial é conferida ao Pastor deste Salmo. A nós são revelados sua Pessoa e seu incansável desejo de cuidar de seu rebanho. Todo cristão que ler este livro se sentirá reanimado e inspirado pelas expressões do amor que Cristo oferece aos que o seguem.

Olhe o Salmo 23 sob um novo prisma: leia-o com os olhos de um pastor de ovelhas, toque-o com as mãos dele, sinta-o com o coração dele, por meio desse exame íntimo da vida de nosso Senhor — o Grande Pastor e “as ovelhas de seu pasto”.